



RA
REVISTA
ADVENTISTA



**Cristo,
o alimento
por excelência!**

10

**MISSÃO GLOBAL,
AÇÃO LOCAL**
As Publicações

34

**PÁGINA DA
FAMÍLIA**
Entregues a si
próprios

45

TEOLOGIA
Por que razão
Satanás tem de
ser libertado?

PUBLICADORA SERVIR
JULHO 2024
N. 926 | ANO 85



"Eis que cedo venho." A nossa missão é realçar Jesus Cristo usando artigos e ilustrações para demonstrar o Seu amor sem igual, dar as boas-novas do Seu trabalho presente, ajudar outros a conhecê-LO melhor e manter a esperança da Sua breve vinda.

DIRETOR **José Lagoa**

DIRETORA DE REDAÇÃO **Lara Figueiredo**

COORDENADOR EDITORIAL **Paulo Lima**

E-MAIL revista.adventista@pservir.pt

COLABORADORES DE REDAÇÃO **Manuel Ferro**

DESIGN GRÁFICO E DIAGRAMAÇÃO **Joana Areosa**

ILUSTRAÇÕES DA REVISTA © **Adobe Stock**

PROPRIETÁRIA E EDITORA **Publicadora SerVir, S. A.**

DIRETOR-GERAL **António Carvalho**

SEDE E ADMINISTRAÇÃO **Rua da Serra, 1 – Sabugo
2715-398 Almagem do Bispo | 21 962 62 00**

CONTROLO DE ASSINANTES
assinaturas@pservir.pt | 21 962 62 19

IMPRESSÃO E ACABAMENTO
**Cafilesa – Soluções Gráficas, Lda.
Venda do Pinheiro**

TIRAGEM **4900 exemplares**

DEPÓSITO LEGAL **Nº 1834/83**

ISENTO DE INSCRIÇÃO NA ERC
DR 8/99 ARTº 12º Nº 1A ISSN 1646-1886

São bem-vindos todos os manuscritos, solicitados ou não, cujo conteúdo esteja de acordo com a orientação editorial da revista. Todos os artigos devem incluir o nome e a morada do autor bem como o contacto telefónico. Não se devolvem originais, mesmo não publicados.

Não é permitida a reprodução total ou parcial do conteúdo desta revista, ou a sua cópia transmitida, transcrita, armazenada num sistema de recuperação, ou traduzida para qualquer linguagem humana ou de computador, sob qualquer forma ou por qualquer meio, eletrónico, manual, fotocópia ou outro, ou divulgado a terceiros, sem autorização prévia por escrito dos editores.

julho

D	S	T	Q	Q	S	S
30	<u>1</u>	<u>2</u>	<u>3</u>	<u>4</u>	<u>5</u>	<u>6</u>
7	[8]	9	10	11	12	13
14	15	16	17	[18]	19	20
21	22	23	24	25	26	27
28	29	30	31	1	2	3

DIAS ESPECIAIS E OFERTAS

4-7 ACAMPAMENTO LOGOS

5-9 CONVENÇÃO DE EDUCAÇÃO IBÉRICA

6 COLÓQUIO DE MORDOMIA
– RE NORTE B

11-14 ACNAC REBENTOS

13 COLÓQUIO DE MORDOMIA
– RE NORTE C

19-21 CONGRESSO EUROPEU DE LÍNGUA PORTUGUESA (CELP)

21-28 ACNAC TIÇÕES

28/7-4/8 ACNAC EXPLORADORES

29 VIGÍLIA NACIONAL DE ORAÇÃO (ZOOM)

COMUNIDADE DE ORAÇÃO

1-5 LARES LAPI (PTU)

8-12 UNIÃO NORTE ALEMÃ (NGU)

15-19 ASSOCIAÇÃO MORÁVIA-SILÉSIA (CSU)

22-26 EDITORA ADVENT VERLAG KRATTIGEN (SWU)

[FH] FÉ DOS HOMENS

[8] SEGUNDA-FEIRA

[18] QUINTA-FEIRA

agosto

D	S	T	Q	Q	S	S
28	<u>29</u>	<u>30</u>	<u>31</u>	<u>1</u>	<u>2</u>	<u>3</u>
4	[5]	6	7	8	9	10
11	12	13	14	15	16	17
18	19	20	21	22	23	24
25	26	27	28	29	30	31

DIAS ESPECIAIS E OFERTAS

4-14 ACNAC COMPANHEIROS E EMBAIXADORES

15-25 IMPACTO

22-29 FORMAÇÃO SERVIÇO DE MÚSICA E LITURGIA

21-31 ACNAC FAMÍLIAS

26 VIGÍLIA NACIONAL DE ORAÇÃO (ZOOM)

30 CONCERTO SERVIÇO DE MÚSICA E LITURGIA

COMUNIDADE DE ORAÇÃO

29/7-2/8 PUBLICADORA SERVIR (PTU)

5-9 UNIÃO ROMENA (ROU)

12-16 CENTRO HOPE MEDIA DA ÁUSTRIA (AUS)

19-23 LAR DE FRIENDENSAU (NGU)

26-30 UNIÃO SUÍÇA (SWU)

[FH] FÉ DOS HOMENS

[5] SEGUNDA-FEIRA

[FH] RTP2 ENTRE AS **15:00** E AS **15:30** | **ANTENA 1** A PARTIR DAS **22:47**

[C] RTP2 ENTRE AS **17:00** E AS **17:30** | **ANTENA 1** A PARTIR DAS **06:00**

ESTES HORÁRIOS DE EMISSÃO PODEM SER ALTERADOS PELA RTP2 SEM AVISO PRÉVIO.

Índice

04

EDITORIAL

Humanismo ou Cristianismo?

05

ATUALIDADE

Teorias da conspiração

Como reagir perante teorias da conspiração?

10

MISSÃO GLOBAL, AÇÃO LOCAL

As Publicações

A importância das Publicações na obra de Deus.

12

GRAVADO NA PEDRA

O mais antigo texto bíblico descoberto em rolos de prata

Uma prova arqueológica a favor da antiguidade do texto da Torah.

17

OLHA O QUE EU VI

Guerra

Da guerra global às pequenas guerras pessoais.

20

JORNADAS DE FÉ

João Marçal

O testemunho de fé de um empreendedor Adventista.

25

CRESCER NA GRAÇA

Convite a uma refeição substancial

O alimento espiritual oferecido no tabernáculo de Deus.

31

ESPÍRITO DE PROFECIA

Visões de saúde e missão

A origem da mensagem de saúde proclamada pela nossa Igreja.

34

PÁGINA DA FAMÍLIA

Entregues a si próprios

Um sério problema educativo dos nossos dias.

36

ESPAÇO UNIVERSITÁRIOS

Empreender

A via do empreendedorismo para a nova geração.

42

HERÓIS DA BÍBLIA

Josué

Descobre mais sobre o líder do povo de Deus que substituiu Moisés.

45

TEOLOGIA

Por que razão Satanás tem de ser libertado?

As razões para o conflito final entre o Bem e o Mal no Apocalipse.





EDITORIAL

Pr. José Lagoa

Presidente da UPASD

Humanismo ou Cristianismo?

Vivemos em tempos onde o humanismo moderno, tal como o antigo paganismo, coloca o Homem no centro, baseando-se numa filosofia centrada no próprio ser humano. O humanismo secular rejeita a própria existência de Deus, enquanto o humanismo cristão rejeita os absolutos divinos, introduzindo soluções humanas e afastando-se das soluções que Deus nos oferece.

Este fenómeno tem levado muitos a defenderem bandeiras que não fazem parte do Evangelho. Embora os Cristãos tenham uma responsabilidade social, buscar soluções exclusivamente humanas e distorcer as Escrituras para se ajustarem a uma ideia de amor mal-interpretada é perigoso. Muitos tentam reescrever a Bíblia, projetando Deus à imagem e à semelhança do Homem, como no antigo paganismo, onde se criavam deuses à imagem dos seus adoradores. Vivemos uma era que lembra a adoração do bezerro de ouro.

As palavras do apóstolo Paulo são mais atuais do que nunca: “Tendo conhecimento de Deus, seguiram seus próprios raciocínios, inculcando-se por sábios mudaram a glória do Deus incorruptível em semelhança da imagem de homem corruptível.”¹ “Há um visível espírito de oposição à clara Palavra de Deus, de uma idolátrica exaltação da sabedoria humana sobre a revelação divina.”² Esta luta entre a visão cor-

reta de Deus e a imoralidade é contínua. No passado, Israel sucumbiu a estas tentações, mas o cativo ajudou a redescobrir o compromisso com Deus.

Ellen G. White lembra-nos de que “qualquer coisa que tenda a diminuir o nosso amor por Deus, ou a interferir no serviço que Lhe é devido, torna-se, portanto, num ídolo. Para alguns, as suas terras, as suas casas, as suas mercadorias são os ídolos. Os empreendimentos comerciais são conduzidos com zelo e energia, enquanto o serviço de Deus é considerado secundário”.³

Com o desenvolvimento do Iluminismo e agora no Pós-Modernismo, “o primado da razão substituiu Deus pela Humanidade e colocou-a no palco da História como personagem principal”.⁴

Hoje, a Igreja não precisa de Cristãos com uma visão humanista. Necessita de indivíduos com uma visão teísta, isto é, centrada em Deus.

Para aplicar esta visão na prática, comece por dedicar tempo diário à leitura da Bíblia e à oração. Envolver-se ativamente na sua comunidade, ajudando os necessitados e partilhando a fé de forma clara e amorosa.

Os sinais apontam para a necessidade de mantermos Deus no centro da nossa vida e das nossas decisões. Aceita o desafio?

Que possamos manter a nossa fé firme na centralidade de Deus, sabendo que as Suas soluções são eternas e verdadeiras!

¹ Romanos 1:21-23.

² Ellen G. White, *Profetas e Reis*, p. 121, ed. P. SerVir.

³ Ellen G. White, “The Victory at Ebenezer”, *The Signs of the Times*, 26 de janeiro de 1882.

⁴ Vanderlei Dornelles, *Cristãos em Busca do Êxtase*, capítulo 1 (edição digital).



—
Christian Salcianu
Pastor e Diretor do
Adventist Discovery
Center

Teorias da Conspiração

A receita para uma conspiração é bem conhecida: cenários complexos, acordos de bastidores, informação altamente secreta.

Quando se trata de teorias da conspiração, o público fica rapidamente polarizado. Por um lado, temos os “peritos”, que transmitem informação confiável com argumentos credíveis retirados de casos confirmados. Por outro lado, temos os “não informados”, completamente desinteressados do tema ou totalmente rejeitando esse tema como se de um mito se tratasse.

A receita para uma conspiração é bem conhecida: cenários complexos, acordos de bastidores, informação altamente secreta. As forças envolvidas, sejam elas elites exclusivistas ou alianças malévolas de superpotências, são manifestas, mas as aparências podem ser enganadoras, sugerindo manipulação. No polo oposto, parece haver apenas duas categorias de pessoas: as vítimas, constituídas por uma maioria ignorante, uma massa inerte de indivíduos que sofreram uma lavagem cerebral, e, inversamente, os heróis, uma minoria sagaz, constituída por cruzados valentes que se batem contra a propaganda oficial, plenamente comprometidos com o seu papel autoassumido de denunciantes. Será possível encontrarmos um meio termo?

Cuidado: Risco de paranoia!

Raoul Dederen, Professor Emérito de Teologia Sistemática, declarou que, sempre que enfrenta um dilema teológico, dedica-lhe tempo especial, mas não mais de três meses. Depois de esse tempo atribuído se esgotar, regressa aos problemas quotidianos. A ideia é simples: Se se mergulha num único tema, começa-se a ver tudo através da lente desse tema.

O princípio é eloquente. Depois de meses e de anos a “pesquisar” conspirações, uma pessoa acaba por ver conspirações por todo o lado. Ela já não vive uma vida normal, mas considera que a sua perspetiva é a perspetiva autêntica: ninguém mais vê o que ela vê e tudo o que ela vê é verdadeiramente importante. Ela apenas lê certos livros e escuta líderes de opinião específicos. Os seus filtros – em todos os campos – tornam-se infalíveis. Ela torna-se numa verdadeira sectária, preparando-se para o golpe final, que, sem dúvida, exigir-lhe-á o sacrifício supremo. Por outras palavras, temos aqui o cliente ideal para uma paranoia.

Especialistas neste campo enfatizam vários aspetos do raciocínio daqueles que creem em conspirações: coincidências notórias para as quais as explicações oficiais são consideradas insuficientes; o desejo de descobrir algo escondido, mais emocionante do que



aquilo que é comum; a noção da existência de um bode expiatório (alguém deve ser responsabilizado!); o desejo do denunciante de ser (até então) o herói desconhecido que faz soar o alarme;¹ a percepção de uma incapacidade temporária ou de uma agenda imposta; o refúgio dos que não têm poder e que se submetem de um modo fatalista a forças superiores;² e assim por diante.

A História não nega a existência de conspirações (contrariamente à ideia de que apenas os paranoicos veem conspirações). Vários assassinatos ou várias tentativas falhadas de assassinatos de figuras proeminentes, golpes de Estado e ações políticas, económicas ou militares envolveram comprovadamente conspirações. Os historiadores já delinearão o perfil de tais ações: 1) ações coletivas, que não são a obra de indivíduos isolados; 2) alvos ilegais ou sinistros, certamente não concebidos para o benefício do

mundo inteiro; 3) atos orquestrados, não acontecimentos espontâneos ou aleatórios; 4) planeamento secreto, não um debate público.³ O assunto concreto em discussão não é se existem ou não conspirações, mas sim quantas delas são credíveis e qual a extensão da sua influência global. Podemos falar de uma conspiração de alcance mundial?

Então, as conspirações existem realmente?

Começando pela etimologia da palavra, sempre que temos dois indivíduos (uma minoria) unidos num propósito e num pensamento, “respirando juntos”, ocorre uma conspiração. O termo traz inerentemente consigo uma conotação negativa.

A minoria, segundo a teoria corrente, procura subjugar a maioria para seu próprio benefício. As implicações cobrem um amplo espectro e a internet serve de terreno fértil para a disseminação de teorias que têm como alvo o controlo financeiro (a crise), a manipulação de informação (ACTA), o domínio militar (guerra), a subjugação económica (FMI, Banco Mundial), os programas destinados a enfraquecer o corpo humano (fluoreto, *Codex Alimentarius*), os vírus geneticamente manipulados (HIV, H1N1), o domínio religioso (o Papa, os Judeus) ou a ação de ideologias políticas (Comunismo, Capitalismo, Domínio dos EUA).

No entanto, vozes dotadas de autoridade desmascaram a ideia de grandes conspirações e, ainda mais, de uma superconspiração global. As teorias da conspiração existem no reino da mito-





logia, onde a imaginação está à solta, os medos vão para além da realidade e as provas são ignoradas. Como superpotência que são, os Estados Unidos da América são frequentemente retratados como o vilão nestes dramas.

Numa entrevista relativamente recente, Todd Leventhal, um perito em teorias da conspiração no Departamento de Estado dos EUA, argumentou que “nenhum grupo tem o poder para manipular secretamente os acontecimentos mundiais. Estados individuais, centenas de milhares de grupos e milhões de pessoas influenciam o mundo, cada um até ao limite das suas capacidades. Os acontecimentos mundiais são o resultado destas influências complexas e múltiplas, não resultam da ação de uma organização secreta onnipotente”.

Esta ideia também é sustentada pelo historiador Bruce Cumings: “Se há conspirações, elas raramente têm uma influência radical na História;

elas têm uma influência marginal de tempos a tempos, como consequências não intencionadas numa lógica que escapou ao controlo dos seus autores.”⁴ Segundo estes peritos, a existência de conspirações não é negada, mas a sua influência apenas será mínima. No entanto, o leitor cético poderá perguntar: Não é esta negação da existência de conspirações ela mesma uma grande conspiração?

O que dizer da “nova ordem mundial”?⁵

Se juntássemos todas as teorias da conspiração, a maior parte, se não todas, entraria em conflito entre si. Não se podem ter sentados na mesma mesa Americanos, Russos, Judeus, Muçulmanos, Ateus, Satanistas, Católicos e Maçons.

Outro argumento para se rejeitar a capacidade efetiva de uma conspiração global é a evidência de que o plano hipotético ainda não alcançou

o seu cumprimento final. Ano após ano, ouvimos falar do Clube de Roma, do Clube Bilderberg, do Conselho de Relações Externas, dos *Illuminati*, dos Jesuítas, e assim por diante. Tomada nos seus enquadramentos respetivos, toda esta informação comunica o sentimento de que está na forja um acontecimento absolutamente iminente, depois do qual o mundo ficará para sempre escravo de uma minoria, ficando perpetuamente subjugado.

Se eles fossem verdadeiramente tão poderosos como se pretende, independentemente de quem possam ser os membros das suas respetivas organizações, há muito que eles estariam a governar o mundo. Isto significa que são incapazes de dar o golpe final ou estão a ser impedidos de o fazer por forças superiores. O líder do Clube Bilderberg confirma a primeira hipótese quando afirma: “Quando as pessoas dizem que este é um governo secreto do mundo, eu digo que, se nós fôssemos um governo secreto do mundo, deveríamos ter vergonha de nós mesmos.”

O que diz a Bíblia sobre conspirações?

A Bíblia confirma a outra hipótese (sem negar a primeira); isto é, de que existe um plano de Deus em que Ele “está a segurar os quatro ventos da terra” para impedir que o Planeta se descontrole (Apocalipse 7:1-3). A Bíblia também reconhece a existência de conspirações e Satanás é retratado como o primeiro conspirador.

Satanás retratou Deus como um conspirador que escondeu dos seres

humanos a verdade de que eles podiam tornar-se deuses. Uma falsificação notável: o verdadeiro conspirador em pose de “grande revelador”. A Bíblia também menciona os dias em que, se fosse possível, “até os escolhidos” seriam enganados por Satanás. Na presença de Jesus Cristo, ele apareceu como um anjo de luz, com poderes extraordinários.⁶

Não será uma verdadeira surpresa, quando, no fim dos tempos, Lúcifer se vier a apresentar como Cristo, aparecendo aqui e ali ao redor do mundo, realizando os milagres que também o Filho de Deus realizou especificamente. Esse será verdadeiramente o culminar do engano! Face a incontáveis conspirações, necessitamos de aprender a depender da inspiração divina para nos ajudar a avaliarmos os desafios do futuro.

1
Chip Berlet, Matthew N. Lyons, *Right-Wing Populism in America: Too Close for Comfort*.

2
Roger Cohen, ‘The Captive Arab Mind’, *The New York Times*, 20 December 2010.

3
Katherine K. Young, Paul Nathanson, *Sanctifying Misandry: Goddess Ideology and the Fall of Man*.

4
Bruce Cumings, *The Origins of the Korean War*, Vol. II, *The Roaring of the Cataract, 1947-1950*.

5
Frase famosa dita depois da queda do Comunismo pelo Presidente Norte-Americano George Bush Senior, que se tornou na pedra de esquina de todas as teorias da conspiração.

6
“E o diabo, levando-o a um alto monte, mostrou-lhe, num dado momento de tempo, todos os reinos do mundo” (Lucas 4:5, 9).

As Publicações

O Departamento de Publicações foi criado para servir a Igreja, dotando-a de documentos que ajudem à instrução dos seus membros e à partilha do Evangelho eterno.



António Carvalho
Diretor do Departa-
mento de Publicações
da UPASD

O Departamento de Publicações é um dos três mais antigos que a Igreja possui. Foi criado em 1902, para servir a Igreja, dotando-a de documentos que ajudem à instrução dos seus membros e à partilha do Evangelho eterno.

Assim, todas as publicações, sejam elas sob a forma de folhetos, livreiros, cursos, revistas ou mesmo livros, devem atender à imperiosa necessidade de apoiar a Igreja nas suas diversas necessidades e nos seus diferentes Ministérios, mantendo um especial enfoque na missão evangelística.

Cada uma das nossas publicações deverá procurar responder a um tipo de necessidade específico, seja na área espiritual, na saúde, na família, na educação, ou noutra em que a Sociedade esteja a carecer de instrução fidedigna e de qualidade.

É nesta perspetiva que o Ministério das Publicações é uma área de atividade evangelística, em que cada membro pode, e deve, participar. Desde logo, munindo-se de boa literatura para a sua própria edificação ou da sua família, em qualquer das áreas acima referidas.

Mas cada membro pode também ser um agente do Ministério das Publicações como divulgador e fornecedor de publicações, fazendo-as chegar às pessoas com quem está em contacto, seja a nível pessoal ou laboral.

O Ministério das Publicações é um campo de ação em que todos podem dar um contributo significativo. Por um lado, através de donativos específicos ou da aquisição das nossas publicações, seja para enriquecimento pessoal, para instrução da família ou para oferta

a terceiros. Ao fazê-lo, cada membro de Igreja está a colaborar ativamente com o Ministério das Publicações, dotando-o dos meios essenciais para que esta obra cresça e cumpra a sua missão. Por outro lado, ao colaborarmos ativamente no Ministério das Publicações, enriqueceremos o nosso próprio ministério pessoal e, fazendo chegar aos outros as nossas edições, estas poderão fazer uma diferença substancial na sua vida e os seus efeitos terão repercussões eternas.

A Serva do Senhor escreveu: “Deus fará logo grandes coisas por nós, se nos achegarmos humildes e crentes aos Seus pés. [...] Mais de um milhar será logo convertido num dia, a maioria dos quais atribuirá as suas primeiras convicções à leitura das nossas publicações” (*Review and Herald*, 10 de novembro de 1885).

Isto só será possível, se as nossas publicações estiverem acessíveis a essas pessoas, e, por isso, é necessário levá-las até àqueles que, um dia, tirarão o melhor proveito delas, ou seja, a salvação eterna!

**Materiais disponibilizados
pelos Ministérios das Publicações:**

Cursos | Folhetos | Livros | Revistas

Visite-nos em www.pservir.pt





Marcos Osório
Arqueólogo



RádioRCS
91.2 fm



radiorcs.novotempo.pt/podcasts/gravado-na-pedra



GRAVADO NA PEDRA

**O mais antigo texto
bíblico descoberto em
rolos de prata**

Em 1979, durante a escavação de um complexo funerário do final da Idade do Ferro (Séc. VII a.C.), em Ketef Hinnom, fora da cidade velha de Jerusalém, o arqueólogo Gabriel Barkay e a sua equipa descobriram, numa das tumbas, dois minúsculos rolos cilíndricos de prata (Barkay, 1983).

O túmulo é formado por uma caverna central, ramificada em várias câmaras funerárias, que abrigavam numerosos enterramentos – uma prática funerária comum na Judeia. E, como é costume, a caverna tinha já sido vandalizada há muitos séculos e os seus valiosos despojos funerários tinham desaparecido. No entanto, devido à derrocada parcial do teto da câmara 25, ocorrido há muito tempo, esta tumba permaneceu intacta até aos nossos dias e guardava esta significativa descoberta.

Os minúsculos rolos de prata eram já um achado promissor, mas quando os investigadores do Museu de Israel começaram a desenrolar delicadamente as folhas metálicas, evitando a sua desagregação, detetaram restos de escrita paleo-hebraica gravada (Rasovsky *et al.*, 1992).

No fundo, eram duas folhas de prata enroladas como se fosse um pergaminho em miniatura. Cada folha continha 18 a 19 linhas de texto e cada linha possuía apenas algumas palavras. O indivíduo que redigiu o texto conseguiu gravar letras milimétricas, para caber num espaço tão reduzido, em folhas de prata do tamanho de um fósforo.

Devido ao minúsculo tamanho das peças e ao seu péssimo estado de

conservação, havia dúvidas em relação à correta leitura do texto. Somente com o recurso a tecnologia de imagem de alta resolução foi possível decifrar a escrita em miniatura dos rolos argênteos e perceber que ambos são bastante semelhantes (Barkay *et al.*, 2004). O texto do rolo 2 diz: “*Que ele seja abençoado por Yahweh, o guerreiro e aquele que expulsa o Mal. Que Yahweh te abençoe, te guarde. Que Yahweh faça resplandecer o seu rosto sobre ti e te conceda a paz.*”

Este texto parece tratar-se de uma versão reduzida e adaptada da importante bênção sacerdotal de Aarão, recitada em determinados serviços judaicos, que é um dos mais conhecidos versos do livro de Números, e onde se declara: “*O Senhor te abençoe e te guarde; o Senhor faça resplandecer o seu rosto sobre ti, e tenha misericórdia de ti; o Senhor levante o seu rosto sobre ti, e te dê a paz*” (Núm. 6:24-26). Além de a inscrição ser semelhante ao texto bíblico, ela refere ainda o tetragrama divino do nome de *Yahweh* (Yardeni, 1991: 176).

Mas o texto escrito nos rolos de prata de Ketef Hinnom não foi natu-

***“O Senhor te abençoe
e te guarde; o Senhor
faça resplandecer o seu
rosto sobre ti, e tenha
misericórdia de ti; o
Senhor levante o seu rosto
sobre ti, e te dê a paz”
(Núm. 6:24-26).***

ralmente feito para ser lido – as letras são muito pequenas e estavam escondidas no interior dos rolos. Então para que servia?

Jeremy Smoak, especialista em Bíblia Hebraica, defende que a conservação do texto em miniatura, gravado em metal precioso, presumivelmente suspenso ao pescoço por uma corrente ou por um cordão, evidencia a importância destes objetos e da bênção que eles continham. A sua leveza permitia que balancessem junto ao peito e, ao tocar neles com a ponta dos dedos, as palavras sagradas inscritas no seu interior, invisíveis, eram repetidas mentalmente (Smoak, 2019: 445). No fundo, é a reprodução à letra do conselho divino que Moisés redigiu em Deuteronómio 6:6: “*E estas palavras, que hoje te ordeno, estarão no teu coração.*”

Deste modo, vemos como este achado arqueológico nos narra aspetos desconhecidos das práticas religiosas judaicas e constatamos a importância que estes textos-miniatura tinham no antigo reino de Judá (Naaman, 2011: 192).

A cronologia do achado arqueológico gera grande discussão, pois sugere que a sua autoria é anterior ao exílio babilónico, provando que o livro de Números já era conhecido e usado pela população no reino de Judá, algo a que os eruditos sempre se opuseram.

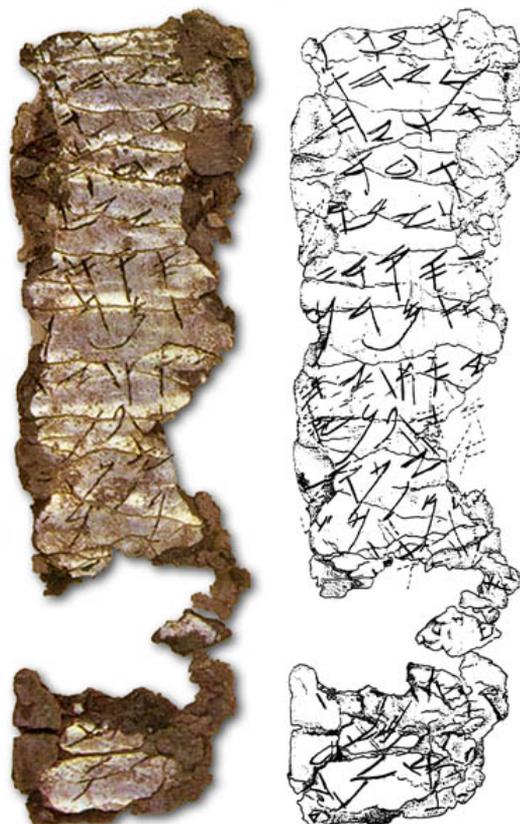


Fig. 1 – Rolo de prata nº 2 com o texto escrito (©Tamar Hayardeni Attribution, wikimedia.org).

Os autores também sustentam que os rolos prateados escritos eram feitos para acompanhar a pessoa tanto em vida como após a sua descida à sepultura, expressando o anseio de que Deus concedesse a almejada paz ao defunto, no seu descanso (Levine, 1993; Smoak, 2019: 448).

Mas, o aspeto mais notável destes pergaminhos metálicos reside no facto de serem considerados a mais antiga referência arqueológica a um versículo bíblico. A datação geralmente aceite pelos investigadores, com base na aná-

ה--
ף--
ר--
ך--
שי--
יהוד
(י)
יאר
(יה)
(אל)
שמ
לו (מ)
--
--
כ--
--
ר--
--

lise sintática do texto, em paralelo com outros documentos descobertos em *Tell Laquish*, situa-os cronologicamente entre o final do Séc. VII e os inícios do Séc. VI a.C., tornando-os aproximadamente 400 anos mais antigos do que os Manuscritos do Mar Morto.

Todavia, esta cronologia do achado arqueológico gera grande discussão, pois sugere que a sua autoria é anterior ao exílio babilónico, provando que o livro de Números já era conhecido e usado pela população no reino de Judá, algo a que os eruditos sempre se opuseram.

Neste caso, temos Nadav Naaman, que propõe uma datação mais recente, dos finais do Séc. VI a.C., após o exílio persa, possivelmente poucos anos depois da construção do Segundo Templo. Segundo ele, as peculiaridades ortográficas dos amuletos são inconsistentes com as práticas de escrita do período pré-Exílio, e estas inscrições refletem apenas a crença de que o

Fig. 2 – Tumbas de Ketef Hinnom
(©Gordon Franz, HolyLandPhotos.org).



retorno a Sião e a redenção da cidade de Jerusalém foram obra do Deus de Israel (2011: 188).

A discussão sobre a cronologia é importante, porque alguns estudiosos defendem que a existência destes amuletos em meados do milénio I a.C. não constitui uma evidência arqueológica direta sobre a data exata do livro de Números, uma vez que esta bênção litúrgica podia já estar em uso, antes de ser incluída no livro da *Torah*. É um facto que a transmissão oral das orações e das bênçãos litúrgicas, passadas de geração em geração, era bastante comum nas Sociedades antigas, muito antes de serem formalmente registadas e perpetuadas por escrito.

E estes autores baseiam-se no facto de haver pequenas diferenças entre o texto dos mini-pergaminhos e a versão bíblica por nós conhecida, herdada dos copistas massoréticos.

E a questão que se impõe é a seguinte: A tradição massorética é anterior, sendo os rolos de Ketef Hinnom uma versão abreviada dessa tradição, ou, inversamente, os rolos de Ketef Hinnom são mais antigos e antecedem a tradição massorética, que, posteriormente, escreveu e expandiu o seu conteúdo? Ou haverá uma terceira possibilidade: Coexistiam múltiplas versões desta bênção na Antiguidade?

Gabriel Barkay afirma que um texto mais curto é sempre anterior a qualquer versão expandida (1992: 177). No entanto, neste caso, existem argumentos sólidos para se defender que o texto dos rolos de Ketef Hinnom foi encurtado a partir de uma versão original, mais completa, devido ao mi-

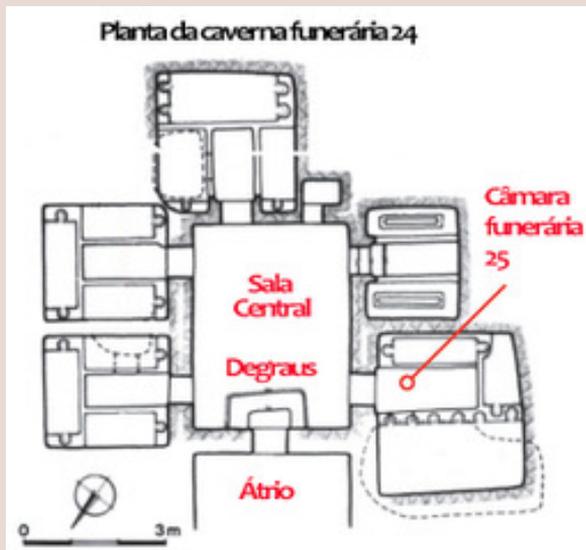


Fig. 3 – Representação esquemática da caverna funerária (©Wikipedia).

Os rolos de prata de Ketef Hinnom são um achado arqueológico que comprova as tradições sacerdotais do Antigo Testamento.

núsculo tamanho dos rolos prateados ornamentais e tendo igualmente em consideração a estrutura complexa e consolidada da bênção sacerdotal do manuscrito do livro de Números, copiado pelos Judeus massoréticos. Uma hipótese mais credível do que considerar que os Massoretas adicionaram este texto da tradição oral aos manuscritos e expandiram a bênção numa versão mais longa (Waal, 2002: 44 e 45).

Por isso, as evidências corroboram o que a maioria dos investigadores defende: que os rolos de prata de Ketef Hinnom são um achado arqueológico que comprova as tradições sacerdotais do Antigo Testamento e constituem o mais antigo testemunho arqueológico de um texto bíblico preexistente, dando autenticidade aos livros da *Torah*.

William F. Albright, um eminente arqueólogo e estudioso bíblico, que faleceu em 1971, afirmou que “não tinha ainda sido encontrado na Palestina nenhum pedaço de papiro ou de *ostrakon* contendo um fragmento bíblico

anterior ao período cronológico dos Macabeus” (Albright, 1937). Embora ele não tenha vivido tempo suficiente para poder presenciar a descoberta dos rolos de prata, este achado arqueológico supriu essa lacuna.

Bibliografia

ALBRIGHT, William F. (1937) – “A biblical fragment from the Maccabean Age: The Nash Papyrus”. *Journal of Biblical Literature*. 56:3, pp. 145-176.

BARKAY, Gabriel (1983) – “News from the field: The divine name found in Jerusalem”. *Biblical Archaeology Review*. 9:2, pp. 14-19.

BARKAY, Gabriel (1992) – “The priestly benediction on silver plaques from Ketef Hinnom in Jerusalem”. *Tel Aviv*. 19, pp. 139-192.

BARKAY, Gabriel; LUNDBERG, Marilyn J.; VAUGHN, Andrew G.; ZUCKERMAN, Bruce (2004) – “The amulets from Ketef Hinnom: A new edition and evaluation”. *Bulletin of the American Schools of Oriental Research*. 334, pp. 41-71.

NAAMAN, Nadav (2011) – “A new appraisal of the

silver amulets from Ketef Hinnom”. *Israel Exploration Journal*. 61:2, pp. 184-195.

RASOVSKY, Marima; BIGELAJZEN, David; SHENHAV, Dodo (1992) – “Cleaning and unrolling the silver plaques”. *Tel Aviv*. 19, pp. 192-194.

SMOAK, Jeremy D. (2019) – “Wearing divine words: In life and death”. *Material Religion*. 15:4, pp. 433-455.

WAALE, Erik (2002) – “A revised date for Pentateuchal texts? Evidence from Ketef Hinnom”. *Tyndale Bulletin*. 53:1, pp. 29-55.

YARDENI, Ada (1991) – “Remarks on the priestly blessing on two ancient amulets from Jerusalem”. *Vetus Testamentum*. 41:2, pp. 176-185.

LEVINE, Baruch A. (1993) – “Numbers 1-20: a new translation”. *Anchor Bible Series*, Vol. 4A. New York: Doubleday.



RádioRCS
91.2 fm



[radiorcs.novotempo.pt/
podcasts/olha-o-que-eu-vi](https://radiorcs.novotempo.pt/podcasts/olha-o-que-eu-vi)

Guerra

Olá, eu sou a Ana, e OLHA O QUE EU VI...

Sabes, algo que me tem feito pensar ao longo das últimas semanas é aquilo que estamos a viver a nível mundial. Sempre que ligamos a televisão ou vemos as notícias no telemóvel ou no computador, reparamos que estão a acontecer guerras no nosso mundo. Foi numa dessas vezes que parei para pensar. Vi crianças a chorar, a sofrer, com medo, sós. Isto levou-me a pensar no que o ser humano é capaz de fazer. Aquelas crianças são seres completamente indefesos. Muitas delas ficaram sós, não tendo ninguém a quem recorrer. A sua família pode ter sido morta na guerra, elas podem ter sido sequestradas. Tudo isto porque o ser humano gosta do poder e é simplesmente mau. Vemos a guerra acontecer diante dos nossos olhos, seja na Ucrânia, seja na Palestina, mas existe outro tipo de

guerra, sobre o qual não falamos e é isso que me faz pensar. São aquelas pequeninas batalhas que nós temos no nosso dia-a-dia, na nossa experiência como seres humanos. Enquanto as guerras tradicionais, frequentemente, surgem de conflitos de interesses políticos, económicos ou territoriais, as pequenas guerras diárias refletem os confrontos interpessoais, sociais e emocionais que nós temos. Esta dicotomia complexa revela uma intersecção entre as batalhas macro, à escala mundial, e as micro guerras, à escala pessoal. Ambas têm implicações profundas para o tecido social e psicológico das Comunidades, da Sociedade, dos indivíduos. Ao analisarmos todo este fenómeno multifacetado, é crucial que compreendamos que, como as guerras no mundo, as batalhas pes-



soais estão entrelaçadas, e em ambas perpetuam-se ciclos de violência, de conflito, que afetam a Humanidade como um todo.

A guerra é algo macro na Sociedade internacional. É, muitas vezes, um resultado de disputas de poder, de território, de recursos. Ao longo da História, podemos ver que nações e grupos se têm envolvido em conflitos armados, resultando em devastação generalizada, em perda de vidas inocentes, em destruição ambiental, em destruição de património histórico. A

A sede do poder, o desejo de domínio, a intolerância, a falta de empatia, são elementos que impulsionam tanto as grandes guerras como as guerras pequenas.

natureza intrinsecamente destrutiva da guerra é inegável e deixa cicatrizes profundas nas nações envolvidas. É interessante porque, além do impacto imediato que a guerra tem na vida humana, ela deixa um legado pesado, seja ele psicológico, de deslocamento forçado, de instabilidade política, económica ou social, e perpetua uma espécie de ciclo a que nunca se vê fim.

Em contraste com estas guerras macro, de grande escala, temos as nossas pequenas guerras diárias, e essas, muitas vezes, passam despercebidas. Estão ocultas. Essas batalhas podem surgir por conflitos interpessoais, por inveja, pela competitividade, por desentendimentos. Contudo, isto afeta os relacionamentos pessoais, as amizades, o ambiente de trabalho, o ambiente social, as famílias. E, embora isto pareça ser um pouco menos destrutivo do que as guerras em grande escala, é curioso ver que estas batalhas têm um impacto muito significativo na nossa saúde mental e emocional. Além disso, estes

confrontos podem minar a nossa confiança, a solidariedade dentro da Sociedade e dificultar a cooperação e a coexistência pacífica. Falamos muito das guerras em grande escala e deixamos de valorizar estas pequenas guerras, que são sumamente importantes.

É crucial reconhecermos a interconexão entre as grandes guerras e as pequenas guerras do nosso dia-a-dia, porque partilham características comuns e refletem os aspetos mais sombrios da natureza humana. A sede do poder, o desejo de domínio, a intolerância, a falta de empatia, são elementos que impulsionam tanto as grandes guerras como as guerras pequeninas. Se as primeiras levam a um ciclo que parece nunca ter fim, as pequeninas guerras também. Às vezes, normalizamos estas pequenas batalhas. Parece que é normal que haja falta de sensibilidade, que haja conflitos, discussões, desentendimentos por tudo e por nada. Porém, a exposição contínua a este tipo de situações é uma realidade que toda a Humanidade deveria evitar. Para interromper este ciclo, é imperativo promover a cultura da paz e do diálogo, promover uma mudança comportamental, aprender a ceder, se a nossa cedência não põe em causa os nossos princípios e os nossos valores morais. É importante valorizarmos a empatia, termos compaixão, sabermos resolver os nossos conflitos. A educação desempenha um papel crucial na promoção destes valores. Devemos ensinar as gerações futuras a abraçar a diversidade, a promover a compreensão mútua, a cultivar a tolerância. É essencial que não só os líderes políticos façam isto, mas que

É necessário que esta batalha pela paz comece primeiro em cada um de nós!

nós também o façamos. É necessário que haja respeito. É necessário que as relações estejam baseadas nesse respeito. Isso exige que cada um de nós faça uma reflexão. Olhar para aquilo que está a acontecer no mundo é uma boa oportunidade que temos para tirar reflexões para nós mesmos. Como está a nossa vida familiar? Como está a nossa vida no trabalho ou na faculdade? Como está a nossa vida com os nossos amigos? Será que estamos a cultivar o respeito? Estamos a cultivar a empatia? Estamos a cultivar o diálogo? Mesmo que não concordemos com certas coisas, devemos sempre promover o diálogo e respeitar a opinião dos outros. É necessário que esta batalha pela paz comece primeiro em cada um de nós. Aprendermos a ser pacíficos, aprendermos que vale a pena compreender o outro, aprendermos que vale a pena garantir um futuro melhor, baseado numa coexistência pacífica e na solidariedade. Devemos aprender a ser exemplos para as gerações futuras. Pois isto da guerra é algo muito sério. Como viste, ao olharmos para as notícias da televisão podemos tirar boas reflexões. E esta foi a minha viagem após ver tanta tristeza e tanto sofrimento humano. Que realmente possamos promover o diálogo, a paz e o respeito. Até à próxima!



João Marçal

Entrevistado por Ezequiel Duarte

*É empresário,
ancião de Igreja e
comprometido com
Deus. Conheça o
João Marçal mais de
perto e reflita na sua
caminhada.*

ED: João Paulo Martins Marçal, nasceste em 1977, e estás quase a caminho do meio século. Podemos dizer que nasceste na Igreja. O que significa isso para ti?

JM: Bem, a Igreja torna-se num espaço normal na tua vida. Como é algo que entra na tua rotina, nem concebes bem a semana sem a presença ao Sábado de manhã na igreja. Desde que me lembro, vou ao Sábado à igreja. Portanto, acabas por não conseguir conceber a vida sem esse momento.

ED: Foste batizado com 12 anos. Sentiste desde pequeno uma ligação espiritual forte ao ponto de teres esta vontade de te batizares?

JM: Honestamente, não, Ezequiel! Batizei-me em consciência, mas, se me perguntares se foi nessa altura que senti a minha maior relação com Deus, acho que não. Até porque, nesta idade, ainda somos miúdos. Naquela época, nós tínhamos a classe batismal para os juvenis e formámos ali um núcleo de jovens. Todos continuam ligados à Igreja, menos um. Continuámos muito ligados à Igreja e alguns até com muita influência nas igrejas onde se encontram. Agora, olhando um pouco para trás, concluo que não foi nessa altura que senti a maior proximidade com Deus. Essa maior proximidade acabou por se dar quando comecei a sentir realmente dificuldades, quer na escola, quer na Universidade. Quando entras na Faculdade, e quando surgem temas mais fraturantes, como a questão do Sábado, então levas a tua fé mais a sério. Os meus colegas perceberam que havia alguma coisa em mim que não era comum. Ao núcleo de pessoas com quem andava mais, fui revelando quem era. E foi nessa altura, quando senti essa necessidade de explicar a minha identidade, o meu núcleo espiritual, que o meu percurso mudou um pouco. Acho que foi nesta altura que senti efetivamente uma maior ligação com Deus e a necessidade de ter essa ligação com Ele.

ED: Tu fizeste a Faculdade. Como se dá a passagem dos estudos para o trabalho? Tu criaste uma empresa mal terminaste a Faculdade. Como é que isso acontece?

JM: Quando terminei o curso, tinha uma ligação muito próxima com um certo professor. Ele convidou-me para ficar um ano na Faculdade como seu

Assistente e apoiar o Gabinete de Informática da Faculdade. Assim, durante um ano fiquei a dar aulas na Faculdade. Depois, houve um outro professor que me fez o convite para ir trabalhar para uma certa empresa. Era uma multinacional francesa de *software*. Eu fui trabalhar para essa empresa na área da consultoria informática. E estive lá de 2002 a 2006. Foi então que decidi, juntamente com alguns colegas, criar uma empresa, que, pela graça de Deus, completa 18 anos a 4 de julho.

ED: Tu és ancião de Igreja. O que te surpreendeu quando foste consagrado ancião?

JM: Durante muitos anos fui Diretor de Jovens na IASD da Amadora. Também estive muito envolvido no Departamento Missionário. Quando surge o convite para ser ancião, o formato mudou um pouco. Eu acho que o verdadeiro trabalho do ancião é perceber a Igreja, perceber as pessoas, preocupar-se com as necessidades de cada uma. Até porque nós temos um formato em que o Pastor está contigo de três em três Sábados, e, portanto, os Sábados que sobram acabam por ser muito da responsabilidade do ancião.

ED: Podemos dizer que tu conseguiste o melhor dos três mundos? Ou seja, manteres-te ativo na Igreja enquanto jovem estudante, manteres-te ativo do ponto de vista profissional e consegues conciliar tudo isto com a tua vida pessoal. Porque és casado e tens uma filha. Qual foi o segredo?

JM: Eu acho que essa é uma pergunta difícil, não é, Ezequiel? Eu diria que



1995 – Jantar temático na IASD da Amadora

tudo tem de começar com uma base, e essa base é, de manhã, ter sempre aquele momento de meditação. Eu sei que isto é um cliché. Há semanas em que eu faço isso e há semanas em que eu não o consigo fazer. E, normalmente, quando não o consigo fazer, as coisas correm de modo completamente diferente. Vivendo o momento, eu só posso agradecer a Deus o percurso profissional que tenho tido, o desenvolvimento da minha empresa e até as oportunidades que tenho tido de testemunhar ao longo destes anos. No lado profissional também tenho experiências muito interessantes. Por exemplo, o que aconteceu há um ano e pouco nos Estados Unidos da América. Nós implementámos lá um grande projeto. Foi talvez o nosso maior projeto de empresa. E, como sabes, na minha área, o Sábado e o fim de semana é, muitas vezes, usado para passagem de dados de sistemas. É muito usado. E, portanto, ao longo dos anos, eu sempre vivi algum stresse e algumas confusões por causa do Sábado. Ora, a empresa não é só minha. Eu tenho 25% da empresa. Uma coisa que não é nada fácil é gerir sociedades. E eu vivi um episódio um pouco dramático porque o projeto



1996 – Passeio de Companheiros à Serra dos Candeeiros

tinha uma pressão muito grande. Havia muita coisa em jogo. Estivemos três semanas nos Estados Unidos da América. Se estás três semanas nos Estados Unidos da América, ao Sábado não vens a casa. E, portanto, o que acontece? Eu tive de dizer ao cliente que não iria trabalhar no Sábado. O cliente achou aquilo estranhíssimo. Eu expliquei-lhe. Felizmente, nos Estados Unidos da América o que não falta é igrejas e abertura de espírito. Assim, houve compreensão da parte do cliente. Uns meses antes, eu também lá tinha estado. Eu tenho ido muito aos Estados Unidos da América recentemente. O que aconteceu? Portugal jogava com Marrocos no Mundial de Futebol e era Sábado de manhã. Eu recordo-me porque não vi o jogo. Eu estava lá com outros colegas da minha empresa. E toda a gente queria ver o jogo. Estávamos todos no hotel. Pensei comigo: “Não é coerente da minha parte dizer que não vou trabalhar, mas vou ficar a ver o jogo de futebol em que joga o meu país.” E um hábito que eu já criei quando estou nos Estados Unidos da América é ir sempre à igreja ao Sábado de manhã. Sempre! Os meus colegas já sabiam que, ao Sábado de manhã, eu



1997 – Passeio de Companheiros ao Gerês

costumava ir à igreja. Já não era o primeiro Sábado que lá passávamos. Eles já conheciam esse meu hábito. Mas, naquele Sábado, por causa do jogo com Portugal, tudo era uma grande festa. Eu disse aos meus amigos que iria à igreja, enquanto eles viam o jogo, e que depois nos encontraríamos. E assim foi. Mas depois, mais tarde, quando chegou o dia de efetivamente dizer que não ia trabalhar no Sábado, acabou por ser muito mais fácil. Porque havia coerência entre o que tu és e o que tu fizeste antes, percebes? Mas, para responder à pergunta que me colocaste sobre o segredo de conciliar as várias vertentes da minha vida, diria, em primeiro lugar, que é necessário ter uma forte base espiritual. Esta base diária espiritual é fundamental. Em segundo lugar, a meu ver, é preciso manter-se a coerência. Tu tens de ser coerente nas tuas decisões. Se fores coerente nas pequeninas coisas, vais conseguir sê-lo nas grandes. Porque se nós não formos coerentes nestas pequeninas coisas, a pensar que nas coisas a sério vamos conseguir sê-lo, tal não vai acontecer. É preciso manteres a coerência com os teus valores. Este é, talvez, o grande desafio. Eu nem sempre o fiz. Estou longe de



1999 – Passeio de Companheiros à Serra da Estrela

ser perfeito. Mas confesso que, ao nível profissional, tenho tentado ao máximo fazê-lo. Nomeadamente em duas áreas. O Sábado é sempre uma delas, pois é muito visível, não é? O Sábado é muito visível. E, para mim, é muito complicado de gerir, até porque tenho colegas que farão a vida deles como querem. As pessoas fazem o seu horário, fazem as coisas como querem e nós não andamos em cima delas. Desde que os resultados apareçam. Outra questão que eu prezo muito é o relacionamento com as pessoas. Hoje somos 35 colaboradores na empresa e todos são diferentes. Eu faço sempre questão de me reunir com todos pelo menos uma vez por ano. Falar com todos eles e ouvi-los.

ED: E aproveitas esse momento como testemunho?

JM: Sim, acho que é um bocadinho isso. Tu preocupas-te com as pessoas e elas percebem que, se calhar, se tu te preocupas, é porque és diferente. Porque todas sabem que eu sou Adventista do Sétimo Dia. Há frequentemente almoços na empresa e as refeições são sempre diferentes. Se houver alguma coisa que eu não coma, toda a gente



Passo em família

fica a saber. Assim, existe este tipo de coisas diferenciadoras. Eu conheço outros empresários Adventistas que se expõem muito mais e eu admiro isso. Por exemplo, o meu pai, que também tem o seu negócio de seguros. Ele tem o póster dos Dez Mandamentos numa das paredes do escritório. São formatos diferentes de personalidade. Da minha parte, eu procuro ser coerente em tudo o que faço. Não podemos dizer que acreditamos em Deus e que Deus é amor e, depois, como líderes, não nos preocupamos com as pessoas.

ED: João, muito obrigado pela tua história de vida e pela forma como inspiras outras pessoas, porque és ainda muito jovem. És o exemplo de alguém que consegue adaptar uma vida profissional muito exigente com a vida familiar e com a vida espiritual.

JM: Posso só dizer uma coisa? Falei aqui muito pouco da família. Pode-se perguntar como é que eu encaixo aqui a família. Eu confesso que nem sempre a encaixo como deve ser, mas nós temos uma atividade que nos ajuda a nos mantermos muito unidos. Gostamos de viajar. Viajar não é propriamente

Ao centro, à esquerda, o irmão Aníbal Rascão, responsável por converter o meu pai (ao centro, à direita).

mente a coisa mais barata do mundo. Mas tu podes viajar para um parque de campismo. Podes pegar na tenda e ir para a Nazaré. Às vezes, não precisamos de complicar demasiado as coisas. Se não tiveres dinheiro para a gasolina, compras um bilhete de autocarro e podes ir para fora. Viajar é, sem dúvida, a atividade que nós mais gostamos de fazer os três em família. Porque são momentos especiais. Como família, vives aventuras, e, depois, quando olhas para trás, são esses os momentos que tu guardas. Hoje, viajar é das coisas que mais prazer nos dá fazer como família. Viajar tem sido, talvez, o nosso segredo para nos mantermos unidos. Porque nos tira da rotina do dia-a-dia, sabes? E cria as experiências e as memórias que ficam!

ED: Muito obrigado, João, por esta entrevista. Que Deus te abençoe e abençoe a tua família.



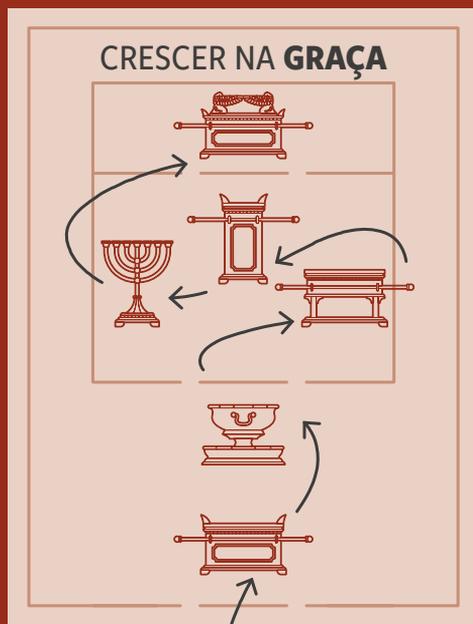
ENTREVISTA COMPLETA:

[www.revistaadventista.pt/
jornadas-de-fe](http://www.revistaadventista.pt/jornadas-de-fe)

Convite a uma refeição substancial

A Sagrada Escritura descreve que havia dois objetivos principais para a vinda de Cristo a esta Terra: o primeiro era “mostrar o Pai”, isto é, revelar Quem era Deus, testemunhando com a Sua vida pessoal sobre o Seu verdadeiro caráter de amor. O segundo grande objetivo era “dar a Sua vida para resgate de muitos”. Mas havia muitos outros benefícios para o ser humano com a vinda do Messias. Um deles foi o próprio Jesus que o mencionou: “*Eu vim para que tenham vida e a tenham em abundância*” (João 10:10). Para ter vida, o ser humano necessita de comer, mas, para ter “vida em abundância”, necessita principalmente de alimento espiritual. O próprio Mestre, para resistir a uma das tentações do inimigo, citou Moisés (Deuteronômio 8:3), quando disse: “*Nem só de pão viverá o homem, mas de toda a Palavra de Deus*” (Lucas 4:4).

No santuário, depois de vivermos a experiência do altar dos holocaustos através dos profundos ensinamentos do reconhecimento da nossa condição e consequente confissão, da aceitação da



morte de Cristo em substituição daquela que era a nossa condenação certa, estamos aptos a dar mais alguns passos em direção ao grande objetivo de contemplar o caráter de Deus. Esses passos são um convite a um verdadeiro e abundante banquete espiritual. O convite do Salvador é real, insistente e inclusivo. “*Ah! Todos vós, os que tendes sede, vinde às águas; e vós, os que não tendes dinheiro, vinde, comprai e comei; sim, vinde e comprai, sem dinheiro e sem preço, vinho e leite. [...] Ouvi-me atentamente, comei o que é bom e vos deleitareis com finos manjares. Inclinaí os ouvidos e vinde a mim; ouvi, e a vossa alma viverá; porque convosco farei uma aliança perpétua, que consiste nas fiéis misericórdias prometidas a Davida*” (Isaías 55:1-3).¹ “*Aquele que tem sede venha, e quem quiser receba de graça a água da vida*” (Apocalipse 22:17). “Os que quiserem avançar no

conhecimento espiritual precisam de permanecer junto à própria fonte de Deus e beber repetidamente do manancial da salvação, tão bondosamente a eles franqueado.”²

Na Sua excelsa sabedoria, Deus sabe que necessitamos de uma preparação especial antes de O conhecer na Sua plenitude. Se o Senhor nos mostrasse, de uma só vez, toda a nossa indignidade em comparação com a Sua santidade, desistiríamos, porque saberíamos que nunca a alcançaríamos. Isaías ficou aterrorizado quando, em visão, contemplou a santidade do Senhor. Nessa visão apresentada no capítulo 6, ele vê-se como o mais desprezível ser humano. Não conseguia suportar a presença do Senhor e a única coisa que conseguia vislumbrar era a morte. *“Então eu disse: Estou perdido! É o meu fim, pois sou um homem de lábios impuros e vivo no meio de pessoas de impuros lábios. Meus olhos, porém, viram o Rei, o Senhor dos Exércitos!”*³ (Isaías 6:5.) Quando João contempla Jesus glorificado, tem uma reação semelhante: *“Quando o vi, caí a seus pés como morto. Porém ele pôs sobre mim a mão direita, dizendo: Não temas; eu sou o primeiro e o último”* (Apocalipse 1:17).

Embora o Senhor queira muito que O representemos condignamente nesta Terra, na Sua grande bondade e misericórdia Deus sabe que essa experiência tem de ser gradual para ser firme sem ser traumatizante. Nessa caminhada, depois da reconciliação e da salvação que nos é oferecida (no altar dos holocaustos), deve haver o compromisso da nossa parte através do batismo, simbolizado na

purificação através do lavar das mãos e dos pés no móvel seguinte, que é a pia de cobre. O apóstolo Paulo, no seu regresso a Jerusalém, anos depois do seu encontro com Cristo a caminho de Damasco, foi preso e levado para a fortaleza. Grande multidão de Judeus o seguia, pedindo a sua morte. Paulo pediu ao tribuno para falar ao povo e, no seu discurso, referiu o que Ananias, em nome do Senhor, ordenou que ele fizesse: *“E agora porque te deténs? Levanta-te e batiza-te e lava os teus pecados, invocando o nome do Senhor”* (Atos 22:16). Sim, o batismo é o verdadeiro testemunho público de que eu reconheci a minha condição de pecador, aceitei a morte de Cristo no meu lugar e quero ser purificado dos meus pecados. Através deste ato, estou a assumir que, a partir de agora, e com profunda gratidão pela salvação que me é oferecida, quero caminhar ao lado do meu Salvador, a fim de O conhecer melhor e de ser Seu imitador.

Assim, através dos dois móveis que estão no pátio do santuário, percebemos o grande amor de Jesus em querer levar-nos à presença de Deus. É importante compreender que, sem a proteção de que falei no artigo anterior, nenhum de nós pode ir à presença de Deus. Essa é a razão pela qual Cristo Se oferece para ser o nosso Substituto (no altar dos holocaustos) e para purificar-nos (na pia de cobre). A única coisa que, até agora, é pedido da nossa parte, é o reconhecimento da nossa condição de pecadores e a aceitação de se ser lavado e purificado. É bom lembrar que, apesar de a Lei ser o maior objetivo de todo o santuário, por nos colo-

car perante o caráter santo de Deus, ela encontra-se no fim de tudo. Alguma razão existe para o Omnisciente ter idealizado esta estrutura conforme o modelo apresentado a Moisés. O povo de Israel, cheio de presunção, disse: “*Nós faremos e obedeceremos.*” Estavam erradamente convencidos de que, por eles mesmos, tinham capacidade para serem fiéis a Deus. Só por intermédio de Cristo é que podemos aproximar-nos do Senhor, mas, sem a interiorização consciente da nossa condição, nunca iremos sentir a necessidade de um Salvador. Tudo o resto que é necessário para se poder continuar a caminhada são a graciosa bondade, a misericórdia e a fidelidade providenciadas por esse indescritível amor de Deus.

Ao entrarmos no lugar santo, espera-nos um assombroso banquete espiritual. Ali, estão três móveis, que vão representar o aspeto relacional com a Divindade. Para um crescente e criterioso conhecimento do caráter de Deus, temos absoluta necessidade do poderoso Pão da Vida, que nos é facultado na Palavra de Deus; necessidade do imprescindível Azeite da Un-

ção, para a compreensão dessa mesma Palavra; e necessitamos ainda das fragrantas conversas com o Pai, através desse extraordinário meio de comunicação que é a oração. Não admira que a Serva do bom Deus tenha expressado de forma escrita esta fabulosa declaração: “Que exaltado privilégio, seres finitos, de pó e cinza, admitidos, pela mediação de Cristo, na sala de audiência do Altíssimo.”⁴ Esta tripla necessidade do crente está superiormente simbolizada nos três móveis que se encontram no lugar santo: a mesa dos pães da proposição, o castiçal e o altar do incenso. No presente artigo, iremos falar dos dois primeiros.

Vamos começar pela “mesa dos pães da proposição”. “A mesa, feita de madeira, representava Cristo na Sua humanidade. Completamente revestida de ouro, lembra também a Sua contínua divindade.”⁵ Vários ensinamentos podem ser tirados desta mesa e dos pães que repousavam sobre a mesma. O termo hebraico “*lechem panin*” pode ser traduzido por pães da presença: *lechem* – pão – e *panin* – presença”.⁶ O texto bíblico atribui uma grande importân-



**O Pão por
excelência é Cristo,
que deu a Sua vida
pelos pecadores.**

cia a este tema da presença constante destes doze pães no santuário. Depois de cozidos, eram colocados em duas pilhas sobre a mesa coberta de ouro.

Em primeiro lugar, estes pães simbolizavam as doze tribos de Israel, que estavam sob o constante cuidado de Deus. Aos olhos do Eterno, e independentemente do seu tamanho ou da sua importância, todas as tribos tinham o mesmo valor. Apesar de indignas e imperfeitas, desobedecendo e infringindo diariamente as leis dadas por Moisés, as doze tribos não cessavam de ser preciosas aos olhos de Deus. Estas são excelentes notícias para nós, pois mesmo perante as nossas constantes falhas, continuamos a ser preciosos aos olhos de Deus, porque, ao chegarmos a este patamar, já passámos pelo altar dos holocaustos, reconhecemos a nossa indignidade e aceitámos Cristo como nosso Substituto. Representando as tribos, estes pães podiam permanecer na presença do Deus Santo, porque sobre eles era derramado incenso, que é o símbolo da justiça de Cristo. Esta justiça de Cristo acompanha-nos ao longo de todo o trajeto do santuário. Havia uma outra razão especial para este imerecido amor divino: estes pães prefiguravam um outro Pão, o Filho de Deus, o Messias prometido. Cerca de 14 séculos depois de Moisés, é o próprio Cristo que declara ser o Verdadeiro Pão do Céu (João 6:32-35). Sim, o Pão por excelência é Cristo, que deu a Sua vida pelos pecadores. No cumprimento diário dos serviços, os sacerdotes comiam daquele pão, que era renovado cada Sábado. Da mesma forma, na nossa caminha-

da até à presença do Todo-Poderoso, é-nos lançado o convite para nos alimentarmos diariamente deste Pão que é Cristo, dos Seus ensinamentos, da Sua bondade, da Sua misericórdia, da Sua união com o Pai, do Seu exemplo em todas as etapas da vida.

No lado oposto da mesa, encontrava-se um outro móvel de uma importância significativa para a nossa experiência diária com Cristo: o castiçal. Este castiçal era composto por um pé central, que é Cristo, no qual havia quatro conjuntos de cálices em forma de amêndoa, maçã e flor. Quanto ao cálice em forma de amêndoa, podemos tirar o seu significado de uma visão que Deus dá a Jeremias: *“Ainda veio a mim a Palavra do Senhor, dizendo: O que é que vês Jeremias? E eu disse: Vejo uma vara de amendoeira. Disse-me o Senhor: Viste bem: Porque eu velo sobre a minha Palavra para a cumprir”* (Jeremias 1:11 e 12). Deus estava aqui a afirmar que podemos depositar toda a confiança n’Ele porque é um Deus que está vigilante para cumprir todas as Suas promessas. O motivo seguinte era uma maçã. Alguns comentadores afirmam que, no livro de Cantares de Salomão, a macieira é o símbolo da fertilidade (Cantares 2:3; 8:5). Assim poderíamos concluir que o ministério de Cristo foi e continuará a ser repleto de frutos para a vida eterna. Em relação à flor, não encontrei nenhuma referência bíblica que pudesse dar alguma pista, mas li uma explicação que me pareceu muito oportuna. Refere que a flor simboliza a salvação, porque, assim como a flor é muito frágil, a salvação pode, aos olhos humanos, parecer ligeira, uma vez que



Se permanecermos ligados a Jesus, também iremos dar frutos como Jesus deu.

ela nos é oferecida e nós só valorizamos aquilo que é ganho com qualquer tipo de esforço. Contudo, era feita a comparação com a vara de Aarão, que, mesmo sem estar enterrada, fez brotar renovos, deu amêndoas, floresceu e a sua flor permaneceu (Números 17). Isto mostra que a salvação que vem de Deus é uma salvação que permanecerá para sempre.

Desse pé central saíam seis braços laterais que representam os seguidores de Cristo. A melhor ilustração deste móvel encontra-se na parábola de Cristo relatada em João 15, na qual Cristo diz ser a Videira e nós as varas: “*Eu sou a videira, vós as varas; quem está em mim, e eu nele, esse dá muito fruto; porque sem mim nada podeis fazer.*” O curioso é que, nos braços laterais do castiçal, também existem os mesmos conjuntos que no pé central. Quer isto dizer que, se permanecermos ligados a Jesus, também iremos dar frutos como Jesus deu. Um outro ensino importante é que o pé central tinha uma lâmpada. Sendo o pé central um símbolo de Cristo, esta lâmpada representava também Jesus, pois Ele mesmo declarou: “*Eu sou a luz*

*do mundo; quem me segue não andar*á em trevas, mas terá a luz da vida” (João 8:12). “*Eu sou a luz que vim ao mundo, para que todo aquele que crê em mim não permaneça nas trevas*” (João 12:46). A única luz que havia no tabernáculo era a luz que emanava do castiçal. Não havia janelas e, portanto, não havia luz natural. Mas os seis braços laterais também tinham as lâmpadas, mostrando que a intenção de Deus era que nós também fôssemos luzes no mundo. Por essa razão, quando Cristo acabou de apresentar todas as Bem-Aventuranças, em Mateus 5:1-12, afirmou: “*Vós sois a luz do mundo; não se pode esconder uma cidade edificada sobre um monte; nem se acende a candei*a e se coloca debaixo do alqueire, mas no velador, e dá luz a todos que estão na casa. Assim resplandeça a vossa luz diante dos homens, para que vejam as vossas boas obras e glorifiquem a vosso Pai, que está nos céus” (Mateus 5:14-16). Que privilégio, nós, miseráveis pecadores, sermos chamados para ser luzes no mundo. Na realidade, o próprio Cristo ainda foi mais longe: “*Na verdade, na verdade vos digo que aquele que crê em*



Graças ao sacrifício de Jesus, o Espírito Santo pôde ser enviado para nos “guiar em toda a verdade, porque não falará de si mesmo” (João 16:13).

mim também fará as obras que eu faço, e as fará maiores do que estas, porque eu vou para meu Pai” (João 14:12). Para tal, é imprescindível estarmos ligados ao pé central, ao Tronco da Videira.

Mas havia um outro elemento notável neste castiçal: o azeite que alimentava as lâmpadas. Para compreendermos melhor o simbolismo deste elemento, teremos de examinar a visão que Deus deu ao profeta Zacarias sobre o castiçal de ouro e as sete lâmpadas: “*E tornou o anjo que falava comigo, e disse-me: O que é que vês? E eu disse: Olho, e eis um castiçal todo de ouro, e um vaso de azeite no cimo, com as suas sete lâmpadas; e cada lâmpada posta no cimo tinha sete canudos. E, por cima dele, duas oliveiras, uma à direita do vaso de azeite, e outra à sua esquerda. E falei e disse ao anjo que falava comigo, dizendo: Senhor meu, o que é isto? Então, respondeu o anjo que falava comigo e disse-me: Não sabes tu o que isto é? E eu disse: Não, Senhor meu. E respondeu-me, dizendo: Esta é a palavra do Senhor a Zorobabel, dizendo: Não por força, nem por violência, mas pelo meu Espírito, diz o Senhor dos Exércitos!*” (Zacarias 4:2-6.) Graças ao sacrifício de Jesus, o Espírito Santo pôde ser enviado para

nos “guiar em toda a verdade, porque não falará de si mesmo” (João 16:13). Ele não falará de Si mesmo, porque, para a nossa salvação, era e é importante que Ele nos apresente a Cristo. Esta é, sem dúvida, a maior bênção que Cristo colocou à nossa disposição, mas, por falta de compreensão, não temos beneficiado na plenitude da Sua influência e do Seu poder. Quantas vezes, por palavras, atitudes e, admitamos, por manobras menos corretas, queremos ser nós a forçar determinadas situações, quando a solução está a um joelho de distância. O texto é claro: “*Não por força, nem por violência, mas pelo meu Espírito, diz o Senhor dos exércitos.*”

1
Versão Almeida Revista e Atualizada.

2
Ellen G. White, *E Recebereis Poder*, 22 de janeiro de 1999, p. 29.

3
Nova Versão Transformadora.

4
Ellen G. White, *Orientação da Criança*, p. 307 (versão online).

5
Ervin N. Hershberger, *Seeing Christ in the Tabernacle*, Harrisonburg: Vision Publishers, p. 25.

6
John H. Alexander, *Le Tabernacle ou l'Evangile Selon Moise*, Genève: La Maison de la Bible, p. 76.



ESPÍRITO DE PROFECIA

Theodore Levterov | Diretor-Associado do *White Estate*

Visões de saúde e missão: 160 anos da Mensagem Adventista de Saúde

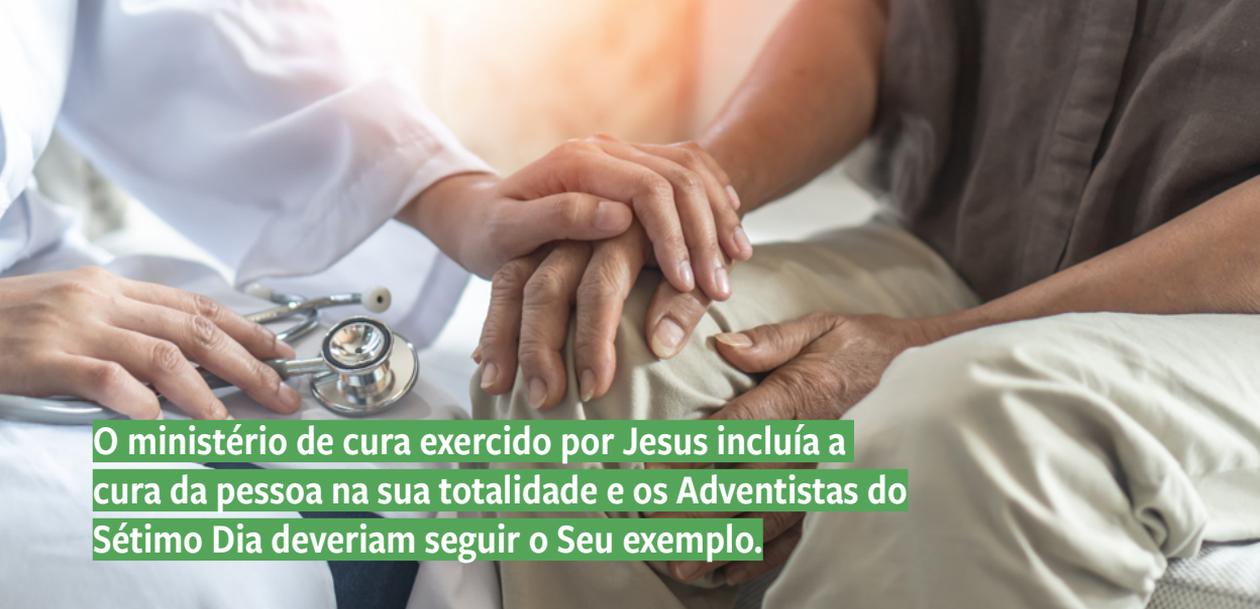
Desde 1863, os Adventistas do Sétimo Dia têm vindo a ser gradualmente conhecidos pela sua promoção de uma vida saudável e de um estilo de vida saudável. Vários estudos recentes têm demonstrado que os Adventistas são significativamente mais saudáveis e vivem, em média, mais 10 anos do que a população em geral.¹ Ellen G. White, uma cofundadora da denominação Adventista, desempenhou um papel crítico no estabelecimento das práticas Adventistas de estilo de vida que estão na origem de muitas destas descobertas recentes.

Ela recebeu as suas duas mais importantes visões sobre saúde em 1863 e 1865. De certo modo, as duas visões provaram ser o ponto de viragem para a nova denominação Adventista do Sétimo Dia. Os Adventistas não só se tornaram reformadores de saúde, mas também incorporaram a saúde na sua missão global em favor do mundo.

A visão sobre saúde de 1863

Os Adventistas sabatistas organizaram-se oficialmente, para criarem a denominação Adventista do Sétimo Dia, em 21 de maio de 1863, em Battle Creek, Michigan. Cerca de duas semanas mais tarde, em 6 de junho, Ellen G. White recebeu a sua primeira grande visão sobre saúde. A sua mensagem continha princípios “centrais” gerais relacionados com a importância de uma vida saudável, bem como algumas instruções específicas para James e Ellen G. White.

A mensagem geral desta primeira visão era bastante simples: os Adventistas do Sétimo Dia, incluindo James e Ellen G. White, deveriam ter mais atenção à sua saúde. A saúde era importante. Mais ainda, a visão descrevia a saúde em termos abrangentes. A boa saúde devia ser uma experiência holística. Dependia de todo o estilo de vida que cada um seguia. Isto assinalou o começo da ênfase sobre



O ministério de cura exercido por Jesus incluía a cura da pessoa na sua totalidade e os Adventistas do Sétimo Dia deveriam seguir o Seu exemplo.

saúde que Ellen G. White colocou tanto no seu pensamento como na sua obra escrita.

Um ano mais tarde, ela pôs por escrito e elaborou mais aquilo que lhe fora mostrado. Na sua longa exposição publicada sob o título “Saúde”, na obra *Spiritual Gifts*, volume 4, ela escreveu sobre o regime alimentar e sobre os perigos da intemperança, sobre a importância de controlar o apetite, a proibição de se comer carne de porco, os benefícios de uma dieta vegetariana, o efeito nocivo de se usar tabaco e outros estimulantes, a importância da higiene e do ar fresco, o equilíbrio entre o trabalho e o repouso, os benefícios da água, o uso de remédios naturais para se obter a cura, em lugar do comum uso de “drogas”, a importância da crença em Deus e outras aplicações práticas para a promoção da saúde.² Ela começou a descrever a saúde em termos holísticos, ligando-a com os essenciais aspetos físicos, emocionais e espirituais.³

A visão sobre saúde de 1865

Curiosamente (ou talvez não), poucos Adventistas reagiram à mensagem de Ellen G. White (ou, melhor, de Deus) para fazerem da saúde a sua prioridade. Afinal, Jesus viria

em breve e a saúde não era parte da missão Adventista do Sétimo Dia, pensavam eles. Em 25 de dezembro de 1865, Ellen G. White recebeu uma segunda grande visão sobre saúde, em Rochester, Nova Iorque. “Foi-me mostrado que o nosso povo observador do Sábado tem sido negligente em agir sob a luz que Deus lhe deu no tocante à reforma de saúde”, escreveu ela, “[...] e que, como um povo, temos sido remissos em seguir as oportunidades providenciais que Deus escolheu usar para nos guiar. Foi-me mostrado que a obra da reforma da saúde ainda mal foi começada”. Depois, ela faz notar que muitos crentes eram indiferentes, não criam na importância da saúde ou, simplesmente, tinham feito do seu “paladar” e do seu “apetite” o seu deus.⁴

No entanto, a visão da saúde de 1865 não foi apenas um alerta contra a negligência. Foi mostrado a Ellen G. White que a saúde deveria tornar-se numa parte crítica da missão geral da Igreja Adventista do Sétimo Dia. “Foi-me mostrado que a reforma da saúde faz parte da mensagem do terceiro anjo e está tão intimamente ligada a ela como o braço e a mão estão ao corpo humano. Vi que, como

um povo, devemos realizar um movimento de vanguarda nesta grande obra”, explicou Ellen G. White.⁵ Não só deveriam os crentes Adventistas do Sétimo Dia praticar a reforma da saúde, mas a Igreja tinha uma obrigação espiritual de ensinar os outros sobre o seu significado e sobre os seus benefícios.

Esta segunda visão incentivou os Adventistas do Sétimo Dia a estabelecerem as suas instituições de saúde, que viriam a apoiar os empreendimentos médico-missionários da Denominação. De facto, Ellen G. White fez notar que o evangelismo médico tinha o potencial de alcançar pessoas que não podiam ser alcançadas por outros tipos de evangelismo.

“O nosso povo deve ter uma instituição própria, sob seu controlo, para benefício dos doentes e dos sofredores que se encontram entre nós”, escreveu ela. “Uma tal instituição, dirigida corretamente, será o meio de apresentar os nossos pontos de vista a muitos que dificilmente seriam alcançados pelos métodos comuns de defesa da verdade. Na medida em que os descrentes recorrerão a uma instituição devotada ao tratamento bem-sucedido das doenças e orientada por médicos sabatis-tas, eles serão colocados diretamente sob a influência da verdade. [...] Sendo assim colocados sob a influência da verdade, alguns não só alcançarão o alívio das enfermidades físicas, mas também a sua alma doente de pecado encontrará um bálsamo curador.”⁶

De certo modo, Ellen G. White enfatizou a relação que deveria existir entre o ministério do Evangelho e o ministério da saúde. Afinal, Jesus desenvolvia os dois – ensinando e curando –, mas consagrou “mais tempo a curar” do que a pregar.⁷ Além do mais, as Suas práticas terapêuticas iam além da mera cura das perturbações físicas. Ele tornava “cada ato de cura numa ocasião para implantar princípios divinos na mente e na alma. Esse era o

objetivo da Sua obra”.⁸ O ministério de cura exercido por Jesus incluía a cura da pessoa na sua totalidade e os Adventistas do Sétimo Dia deveriam seguir o Seu exemplo.

Com o passar do tempo, os Adventistas do Sétimo Dia reagiram às visões e aos apelos de Ellen G. White e a Denominação acabou por se tornar numa entidade pioneira da promoção da saúde holística e do estilo de vida saudável ao redor do Globo. Hoje, a Igreja Adventista do Sétimo Dia tem o maior sistema de saúde Protestante do mundo, com centenas de hospitais, clínicas e lares para idosos ao redor do mundo. Mas tudo começou há 160 anos, com a simples mensagem de que a saúde deveria ser parte da identidade e da missão Adventista do Sétimo dia em todo o mundo.

1

Veja, por exemplo, Gary E. Fraser, *Diet, Life Expectancy, and Chronic Disease: Studies of Seventh-day Adventists and Other Vegetarians* (New York: Oxford University Press, 2003); Dan Buettner, *The Blue Zones: Lessons for Living Longer from People Who've Lived the Longest* (Washington, DC: National Geographic, 2008), pp. 123-165.

2

Ellen G. White, *Spiritual Gifts* (Battle Creek, Mich.: Seventh-day Adventist Pub. Assn., 1864), vol. 4, pp. 120-151.

3

Herbert Douglass elaborou uma lista bastante abrangente, que delinea os princípios apresentados na primeira visão sobre saúde de Ellen G. White, no seu livro *Messenger of the Lord*. Veja-se Herbert Douglass, *Messenger of the Lord: The Prophetic Ministry of Ellen G. White* (Nampa, Idá.: Pacific Press, 1998), pp. 283 e 284.

4

Ellen G. White, *Testimonies for the Church* (Mountain View, Calif.: Pacific Press, 1948), vol. 1, pp. 485 e 486.

5

Idem, p. 486.

6

Idem, pp. 492 e 493.

7

Ellen G. White, *A Ciência do Bom Viver*, p. 8, ed. P. SerVir.

8

Idem, p. 9.



Foi em 2017 que Katherine Hill, uma Britânica que, por décadas, tem trabalhado em favor dos valores da família na Grã-Bretanha, escreveu o livro *Left to Their Own Devices* sobre o grande desafio que a internet e os telemóveis representam na dinâmica das famílias. O título que ela escolheu, na língua inglesa, tem um duplo significado. Tanto quer dizer que os filhos estão entregues aos seus dispositivos eletrónicos como que estão entregues a si próprios. Ela conseguiu, com uma frase, descrever duas situações que são simultâneas e igualmente verdadeiras. Com uma vida cada vez mais absorvida e ocupada, os pais, desde cedo, acostumaram-se a deixar os seus filhos entregues a um ecrã, que pode ser um *tablet*, um telemóvel ou mesmo uma

televisão. Pelo menos estão ocupados e entretidos e nós ficamos livres para as imensas tarefas que nos esperam quando chegamos a casa, pensa a maior parte dos adultos com crianças ao seu cuidado.

Esta solução fantástica não é, contudo, isenta de problemas, como a maioria já descobriu! Com o passar do tempo, os mais novos tornaram-se residentes digitais, alguém que está sempre *online*, enquanto nós, os adultos, somos, na maioria, visitantes digitais. Usamos os recursos da *Web* como ferramentas, entramos e saímos da rede conforme a necessidade. Eles movem-se, portanto, com muito mais facilidade neste mundo. Como pais, preocupamo-nos com a segurança deles e ensinamo-los a atravessar as estradas com cuidado, a não falar com estranhos e a ter

Entregues a si próprios



cuidado com objetos cortantes. Mas como proteger e ajudar os nossos filhos num ambiente que eles dominam melhor do que nós, na maioria dos casos, e onde abundam conteúdos inadequados, como a pornografia e a violência gratuita, onde circulam predadores sexuais e jovens cruéis capazes de arruinar a vida de pares por meio do *cyberbullying*, onde o apelo a jogos e outros conteúdos efêmeros é tão forte a ponto de os escravizar e, por esse meio, minar a saúde física, mental, espiritual e social de seres em crescimento e desenvolvimento?

A autora que citei no início deste artigo dá conselhos práticos para ajudar os pais a ganharem alguma confiança e eficácia nesta tarefa, que parece tão complicada:

1. Assumir o controlo: Os pais não podem deixar-se ultrapassar; precisam de ser proativos. Precisam, também eles, de se familiarizar com o meio digital e aprender como instalar filtros, sistemas de controlo parental nos dispositivos utilizados pela família e, já agora, retardar o acesso dos mais pequenos a estes meios. Dentro daquilo que for permitido, os pais devem participar com os filhos nos jogos ou noutras atividades *online*, de forma a compreender o que se está a passar e a criar, ao mesmo tempo, proximidade relacional com eles.

2. Ecrãs fora do quarto: Uma medida assertiva que parece ter tido algum impacto nestes contextos é não permitir ecrãs nos quartos de dormir, telemóveis incluídos.

3. Desligar as notificações: Para facilitar a concentração, para evitar as distrações e o apelo constante que vem do mundo digital, desligar as notificações.

4. Ter momentos *techno free*: Embora seja importante reconhecer que a Tecnologia trouxe muitas vantagens e seja importante saber dela tirar partido,

também é salutar estabelecer tempos em que não existe interferência dos meios digitais. Podem ser as refeições, alguns momentos de lazer em família ou algum tempo antes de dormir.

5. Acordo de família para os media:

Para a implementação de todas as dicas dadas até aqui, é importante que haja um acordo de família para a utilização de todos os meios eletrónicos na casa. Neste acordo, sugere Katherine, deve ficar claro o que os filhos podem fazer sem autorização, com autorização e o que não será permitido. O acordo pode ser discutido e até negociado, mas os pais devem estar cientes do que querem e estar preparados para as habituais pressões e comparações.

6. Seja um modelo: Nesta área, como em todas as demais, pouco valerá o esforço dos pais, se não houver consistência. Naquilo que exigimos dos nossos filhos, devemos nós também ser um exemplo.

7. Aproveitar todos os momentos para semear sabedoria:

Finalmente, depois de todos os nossos cuidados para protegê-los dos males deste mundo real e digital, é preciso admitir que algo sempre nos escapará ao controlo e que, um dia, terão de ser eles a assumir na plenitude o controlo da sua vida. O grande objetivo da educação é o autogoverno. Criamos adultos e não crianças ou jovens. Através de uma comunicação frequente, curta e adequada, devemos aproveitar todos os momentos para semear sabedoria, para prepará-los para tudo o que vão enfrentar sem a proteção paterna. Precisamos de recordar que somos a maior influência na vida deles e que temos não apenas a legitimidade como também o dever de partilhar valores e princípios que contribuirão, em muito, para a sua felicidade.



A Associação dos Universitários Adventistas (AUA) pretende dar resposta aos desafios e às inquietações que os Jovens Universitários Adventistas encontram na sua vida pessoal, académica, profissional e espiritual.

Empreender: uma opção para o presente e para o futuro

Nos dias de hoje, empreender tornou-se numa opção cada vez mais considerada por aqueles que buscam não apenas independência financeira, mas também realização pessoal e um impacto positivo na Sociedade.

Em Portugal, como em muitas outras partes do mundo, o empreendedorismo deve ser encarado como uma solução concreta e necessária, especialmente num ambiente empresarial em constante transformação e num mercado de trabalho onde a escassez de empregos e o desemprego são realidades preocupantes.

Enquanto empreendedor, procuro realizar-me profissionalmente – é uma prioridade para mim, mas, ao mesmo tempo, procuro controlar o destino da minha car-

reira profissional e pessoal. É cada vez mais evidente que vivemos num ambiente profissional que visa estimular o crescimento profissional, o desenvolvimento e a criação de valor, tornando o empreendedorismo numa maneira de controlar esse crescimento. Iniciativas empreendedoras não apenas têm o potencial de gerar empregos, mas também de fomentar a inovação e o desenvolvimento económico.

A criação de pequenas e médias empresas (PMEs) pode ser uma resposta eficaz ao problema da falta de empregos, oferecendo uma alternativa sustentável e de longo prazo para a economia do país.

Apesar dos desafios significativos que os empreendedores enfrentam em Portu-

gal, principalmente devido a um contexto nacional que historicamente penaliza os empregadores, empreender é uma maneira de realizarmos e definirmos o rumo da nossa vida.

Benefícios e desafios do empreendedorismo

Para além de explorar os benefícios e os desafios do empreendedorismo, é essencial compreendermos a realidade apresentada por meio de uma perspetiva abrangente que inclua também uma visão bíblica. Todos os pontos que irei apresentar não refletem a totalidade dos benefícios e desafios, mas são baseados na minha experiência empresarial e profissional.

Benefícios do empreendedorismo

Autonomia e independência

Para mim, este é um dos principais benefícios e um dos motivos que me levou a ser empreendedor. Muitos empreendedores são motivados pela possibilidade de gerirem o seu próprio destino e de terem

controlo total sobre as suas decisões de trabalho. A liberdade de tomar decisões e a flexibilidade para definir os seus próprios horários e estratégias são aspetos atraentes. Este benefício é especialmente relevante para aqueles que valorizam a independência e o desejo de criar algo próprio.

Realização pessoal

O empreendedorismo oferece a oportunidade de construir algo do zero, o que pode ser extremamente gratificante. Muitos são movidos pelo desejo de criar e gerir um negócio que reflita os seus valores e as suas paixões pessoais. Essa realização pode ser uma fonte significativa de satisfação e orgulho. Pessoalmente, este é outro ponto que valorizo. Nem sempre se trata de dinheiro; trata-se de aportar valor à Sociedade e ao próximo.

Impacto social

Alguns empreendedores são impulsionados pela oportunidade de fazerem uma diferença positiva no mundo. Isso pode



incluir inovações que contribuem para a Sociedade de maneiras significativas, como melhorar a vida das pessoas, resolver problemas ambientais ou oferecer novos serviços e produtos que atendam a uma necessidade. O impacto social pode ser uma motivação poderosa e uma medida de sucesso além do lucro financeiro.

Sempre procurei o impacto social, com o *imo360*, ao desenvolver uma ferramenta que permite ao consultor imobiliário conseguir atingir os seus objetivos comerciais. Hoje, mais de 2500 utilizadores usam diariamente este nosso *software* para realizarem os seus sonhos e atingirem os seus objetivos comerciais. Mas recentemente, ao desenvolver um programa de formação e de palestras sobre Inteligência Artificial para empresas e profissionais, senti diretamente esse impacto. E posso afiançar, tem um valor incrível!

Procura de independência financeira

Embora o risco financeiro seja significativo, o potencial de lucro e de crescimento

financeiro pessoal é uma grande motivação para muitos empreendedores. Este benefício pode atrair aqueles que desejam construir riqueza e segurança financeira para si e para a sua família.

Crescimento e aprendizagem contínua

O empreendedorismo é um campo dinâmico que exige aprendizagem contínua. Este constante crescimento pessoal e profissional pode ser altamente recompensador, permitindo aos empreendedores desenvolverem novas habilidades e expandirem os seus conhecimentos.

Desafios do Empreendedorismo

Gestão financeira

Muitas vezes, os empreendedores enfrentam falta de literacia financeira, o que dificulta a tomada de decisões, seja na gestão diária, seja no conhecimento das opções financeiras disponíveis. Uma gestão financeira inadequada pode levar a problemas significativos, como a falência.



Equilíbrio entre o trabalho e a vida pessoal

Os empreendedores enfrentam dificuldades em equilibrar o tempo entre o trabalho e a vida pessoal. Devido à natureza imprevisível do trabalho, muitos acabam por trabalhar longas horas, o que pode resultar em esgotamento e problemas de saúde. Manter um equilíbrio saudável é essencial para o bem-estar a longo prazo.

Pressão e stresse

A pressão para fazer o negócio crescer e ser lucrativo pode ser imensa, exigindo decisões críticas e assumindo riscos financeiros significativos, o que aumenta o stresse e a pressão. O stresse contínuo pode ter impactos negativos na saúde física e mental.

Barreiras culturais e pessoais

Portugal não é um país tradicionalmente empreendedor (basta ver o nosso Código do Trabalho e perceber a perspetiva do Legislador) e esta mentalidade não faz parte da nossa educação escolar ou familiar. Superar essas barreiras culturais e pessoais pode ser um desafio significativo, exigindo uma mudança de mentalidade e apoio adequado.

A Importância do empreendedorismo

Apesar dos desafios, como a alta carga fiscal e a burocracia, o ambiente empreendedor em Portugal tem melhorado. Programas governamentais e investimentos em capital de risco têm fomentado o crescimento, tornando-o numa parte crucial da economia nacional.

Em 2023, o investimento em capital de risco atingiu os 712 milhões de euros. O setor das *startups* e *scaleups* (empresas que já passaram a fase inicial de *startup*) emprega quase 50 mil pessoas e é um exemplo claro

O empreendedorismo pode exigir longas horas de trabalho e um forte compromisso. Reflete se és capaz de gerir o teu tempo, de forma a manter um equilíbrio saudável entre o trabalho e a vida pessoal.

do potencial de inovação e crescimento do empreendedorismo em Portugal. Além disso, iniciativas como a Nova Lei das *Start-Ups* e os fundos do PRR visam fortalecer ainda mais este ecossistema, sublinhando a importância do empreendedorismo para o futuro económico do país.

Queres empreender?

Se estás a considerar o empreendedorismo, é essencial refletires sobre alguns pontos, de modo a avaliares o teu perfil e decidires se esta pode ser a opção certa para ti. Aqui estão algumas perguntas-base para te guiar nessa reflexão.

Estás preparado para lidar com incertezas e riscos financeiros? Empreender envolve frequentemente enfrentar situações incertas e assumir riscos financeiros significativos. Considera se tens a resiliência e a capacidade de gestão financeira necessárias para lidar com estas situações. Se não tens, podes sempre pedir ajuda – isto não tem de ser um obstáculo, mas prepara-te!

Tens a capacidade de equilibrar a tua vida pessoal e profissional? O empreendedorismo pode exigir longas horas de trabalho e um forte compromisso. Reflete se és capaz de gerir o teu tempo, de forma a manter um equilíbrio saudável entre o trabalho e a vida pessoal.



És capaz de tomar decisões críticas e agir sob pressão? Como empreendedor, serás frequentemente confrontado com decisões importantes que podem ter um grande impacto no teu negócio. Avalia se tens a capacidade de tomar decisões informadas e de agir eficazmente sob pressão.

Estás disposto a aprender continuamente e a adaptar-te a novas situações? O sucesso no empreendedorismo requer uma aprendizagem contínua e a capacidade de adaptação a mudanças no mercado. Considera se tens a disposição e a mentalidade para aprender constantemente e para ajustar a tua abordagem conforme necessário.

Tens uma visão clara e paixão pelo teu projeto? A paixão e a clareza de visão são motores fundamentais para a motivação e para a perseverança. Reflete se estás realmente comprometido com a tua ideia e se tens uma visão clara de onde queres chegar com o teu empreendimento. Prepara-te, estrutura o teu negócio e define o teu plano de negócio de forma precisa, objetiva e realista.

Dicas para empreendedores

Se estás a considerar entrar no mundo do empreendedorismo, é importante adotar algumas práticas e mentalidades que po-

dem ajudar-te a navegar pelos desafios e a maximizar as oportunidades. Aqui estão algumas dicas essenciais.

Trabalhar um mindset forte

Investe tempo em aprender sobre o teu setor, as novas Tecnologias e as tendências de mercado. Participa em cursos, *workshops* e lê livros relevantes para expandires o teu conhecimento empresarial. Além disso, fortalece a tua relação com Deus. A fé proporciona uma base sólida de resiliência e otimismo.

Rodeia-te de pessoas que agregam valor

Constrói uma rede de contactos composta por indivíduos que possam realmente contribuir para o teu negócio e para o teu crescimento pessoal. Nem sempre é necessário teres muitas pessoas à tua volta, mas sim aquelas que trazem conhecimento, experiência e suporte. Identifica mentores que possam oferecer conselhos valiosos e ajudar-te a evitar erros desnecessários.

Estar rodeado de pessoas experientes pode fazer uma grande diferença. Provérbios tem um versículo que te explica bem a importância deste ponto: “Anda com os sá-

bios e serás sábio; quem anda com os maus tornar-se-á mau” (Provérbios 13:20, BPT).

Prepara-te

Mantém-te atualizado sobre as tendências do mercado. Realiza pesquisas de mercado para entenderes melhor os teus clientes e concorrentes. Adota uma mentalidade aberta em relação à evolução do mercado e analisa de forma regular o teu plano de negócio. Prepara a tua empresa para todo o tipo de cenários, sejam eles positivos ou negativos.

A capacidade de adaptação é crucial para responder às mudanças e para aproveitar novas oportunidades.

Abraça os desafios

Vê os obstáculos como oportunidades para crescer e aprender. Um desafio superado pode fortalecer-te e preparar-te melhor para o futuro.

Conclusão

Não existe um caminho certo ou errado. Existe o caminho que optares por seguir. No entanto, ao contrário do que te possam ter mostrado, empreender é uma opção válida. Acarreta riscos e incertezas? É claro! Mas qualquer outro caminho também o acarreta. Na verdade, na dúvida ou na incerteza, opto sempre por controlar a próxima etapa da minha carreira, à medida que vou marcando a diferença junto daqueles com quem me cruzo. É uma carreira, mas também uma missão!

Vê os obstáculos como oportunidades para crescer e aprender. Um desafio superado pode fortalecer-te e preparar-te melhor para o futuro.



19 de outubro Lisboa

**Queremos
estar contigo!**

Convidamos-te a seguires a AUA através das nossas redes sociais ou a colocares qualquer questão ou pedido que tenhas mediante o [email universitarios@adventistas.org.pt](mailto:universitarios@adventistas.org.pt).



BRUNO VENÂNCIO
bruno@brunovenancio.com





Conceição Lagoa
Diretora-Associada da Área da Família da
UPASD para os Ministérios da Criança

Josué

“Agora, pois, temeí ao Senhor, e servi-o, com sinceridade e com verdade: e deitai fora os deuses, aos quais serviram os vossos pais, dalém do rio e no Egito, e servi ao Senhor. Porém, se vos parece mal aos vossos olhos servir ao Senhor, escolhei hoje a quem sirvais: se os deuses a quem serviram os vossos pais, que estavam dalém do rio, ou os deuses dos amorreus, em cuja terra habitais: porém, eu e a minha casa serviremos ao Senhor” (Josué 24:14 e 15).

Olá, amiguinho! Gostaria de saudar-te à maneira de Josué, um líder corajoso e obediente que desempenhou um papel importante na história do povo de Israel.

Deus escolheu Josué para ser o novo líder do povo, após a morte de Moisés, e para guiá-lo até à Terra Prometida, chamada Canaã. Ele era a pessoa mais capacitada para esta função, pois foi o assistente de Moisés durante a maior parte do tempo em que os Israelitas andaram pelo deserto.

O povo de Israel disse a Josué que obedeceria a todas as suas ordens, pediu a Deus que estivesse com ele e disse-lhe para ser forte e corajoso.

Amiguinho, Josué foi um dos doze espias enviados para espiar a Terra Prometida e, juntamente com Caleb, apresentou um

relato fiel da riqueza da terra e animou o povo a conquistá-la.

O Senhor prometeu a Josué que estaria com ele e garantiu-lhe que a conquista de Canaã seria fácil.

Josué recebeu ordens para preparar todo o povo para avançar em direção à Terra Prometida. Ele mandou que o povo se preparasse e se santificasse para uma caminhada de três dias, pois teria de atravessar o Rio Jordão e o Senhor iria fazer um milagre.

No dia combinado, o povo desceu até à margem do Rio Jordão. Então, quatro anjos invisíveis acompanharam e protegeram a arca de Deus. O Filho de Deus ia à frente. E um milagre aconteceu: as águas do rio dividiram-se e o povo atravessou-o.



Certo dia, Josué afastou-se do acampamento para orar. Então, viu um homem com uma espada na mão. Era o Filho de Deus. Então, Josué adorou-O. O Filho de Deus esteve sempre com eles e conduziu o povo através do deserto. Era Ele que estava na coluna de nuvem e na coluna de fogo para os proteger.

O Filho de Deus disse a Josué que lhe iria entregar a cidade de Jericó e deu-lhe instruções para a conquistar. Josué contou ao povo tudo o que o Senhor lhe tinha dito e o povo seguiu as suas instruções. Eles não conseguiam ver, mas o Filho de Deus tinha um exército de anjos para os ajudar.

Quando chegou o momento de conquistar Jericó, o Filho de Deus e os Seus anjos ajudaram os Israelitas. Estes marcharam à volta da cidade e as muralhas caíram sem que ninguém precisasse de lhes tocar, porque os anjos do Senhor as derrubaram. Então, podemos concluir que quem conquistou a cidade de Jericó não foi Israel, mas o Capitão do Exército do Senhor, o Filho de Deus. Contudo, o povo de Israel também desempenhou uma parte importante nesta conquista: o povo teve fé!

Nos últimos dias de Josué, depois de muitos anos de paz em Israel, ele reuniu todo o povo e os seus líderes. Ele lembrou-lhes tudo o que Deus tinha feito por eles: tinha expulsado os seus inimigos e dera-lhes a Terra Prometida. Josué incentivou o povo a guardar as leis de Deus e a não adorar outros deuses. Ele avisou-os de que, se se afastassem de Deus, sofreriam as consequências.

Josué, o filho de Nun, que era um servo do Senhor, morreu com cento e dez anos. O povo de Israel serviu o Senhor durante toda a vida de Josué e também durante a vida dos anciãos que viveram muito tempo depois de Josué e que conheciam

todas as coisas maravilhosas que o Senhor tinha feito por Israel.

Assim como Josué e o povo de Israel conquistaram a Terra Prometida com determinação e fé, nós também podemos confiar nas promessas divinas de que, muito em breve, Jesus nos virá buscar para vivermos com Ele eternamente na Terra Prometida, a Canaã Celestial.

Querido amiguinho, as palavras que Deus disse a Josué também te diz: Esforça-te e tem coragem! Não te desvies do caminho certo. Fala sempre sobre a Palavra de Deus e faz o que está escrito nela. Se fizeres isso, vais ter sucesso e tudo vai correr bem. Não tenhas medo, nem fiques assustado, porque Deus está contigo em qualquer lugar aonde fores!

Amiguinho, desafio-te a começares cada novo dia com a mesma coragem e confiança de Josué, a nunca desistires, mas a enfrentares todos os desafios, mesmo que pareçam impossíveis, porque Deus também estará contigo.

É importante mantermos uma fé forte diante dos nossos problemas e colocarmos tudo nas mãos do Filho de Deus, como fez Josué. Com Ele seremos capazes de vencer todas as batalhas!

PENSAMENTO SOBRE JOSUÉ

“O santo caráter de Josué não apresentava mancha alguma. Era um líder sábio. A sua vida fora inteiramente dedicada a Deus. [...] Então disse-lhes: ‘Porém, se vos parece mal aos vossos olhos servir ao Senhor, escolhei hoje a quem sirvais: se os deuses a quem serviram os vossos pais, que estavam dalém do rio, ou os deuses dos amorreus, em cuja terra habitais: porém, eu e a minha casa serviremos ao Senhor.’ Jos. 24:15.” – Ellen G. White, *História da Esperança*, p. 137, ed. P. SerVir, 2017.



Kayle B. de Wall
Teólogo

“E lançou-o no abismo, e ali o encerrou, e pôs selo sobre ele, para que mais não engane as nações, até que os mil anos se acabem. E depois, importa que seja solto por um pouco de tempo” (Apocalipse 20:3, ARC).

Por que razão Satanás tem de ser libertado?

Por que razão Satanás tem de ser libertado após o Milénio? Depois de todo o grande drama do Apocalipse, esperaríamos que, no capítulo 20, Satanás fosse desmascarado e, depois, imediatamente aniquilado. Em vez disso, ele é libertado, pelo menos temporariamente: “E lançou-o no abismo, e ali o encerrou, e pôs selo sobre ele, para que mais não engane as nações, até que os mil anos se acabem. E depois, importa que seja solto por um pouco de tempo” (Apocalipse 20:3, *ARC*).

Uma resposta à pergunta que colocámos é a de que a natureza inalterada de Satanás tem de ser exposta perante os justos e os injustos e de que uma total revelação a ocorrer no Juízo Executivo exige a sua libertação. Esta resposta está correta – e este artigo irá fornecer um enquadramento linguístico, literário e contextual para a sustentar.¹

As perguntas dos comentadores

Antigos comentadores como Austin Farrer, George Caird e John Sweet ficaram perturbados com a libertação de Satanás. Farrer perguntou: “Mas por que razão Satanás é apenas amarrado e por que razão ele deve ser libertado

No relato de Génesis 3, a questão central envolvendo o carácter e a autoridade de Deus deve ser trazida como elemento importante para a interpretação de Apocalipse 20:3.

de novo?”² A pergunta de Caird é ainda mais provocadora: “Por que razão, uma vez que Satanás foi seguramente selado no abismo, tem ele de ser solto para causar mais caos? E que reivindicações tem ele junto de Deus, que façam com que Deus seja obrigado a dar ao diabo aquilo que lhe é devido?”³ Sweet pergunta: “Mas por que razão, teologicamente, tem ele de ser libertado para enganar as nações? Por que razão tem ele de descer à Terra com grande ira? Por que razão não pôde ele ser liquidado desde logo?”⁴

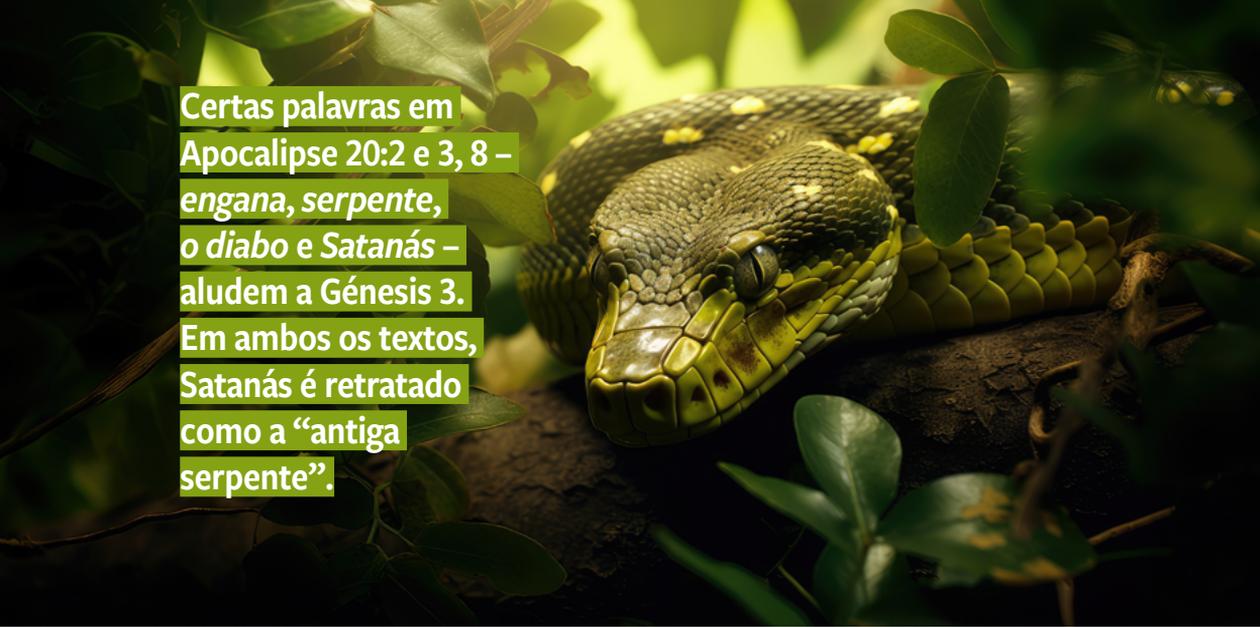
Mais recentemente, James Resseguie, Professor Emérito de Novo Testamento, perguntou: “Porque não simplesmente destruir Satanás no começo do período dos mil anos? Porque é importante que Satanás não seja destruído durante o período milenar?”⁵

Boas perguntas merecem boas respostas.

Meta-narrativa cósmica

O conflito cósmico entre Deus e Satanás é o pano de fundo meta-narrativo do Apocalipse.⁶ Por “meta-narrativa” pretendo significar uma estrutura narrativa ou ideativa abrangente que confere significado e contexto aos aspetos particulares da experiência ou, num contexto diferente, provê coesão e estrutura a uma Sociedade. No coração desta meta-narrativa está o Evangelho eterno.⁷ Esta narrativa também provê um pano de fundo bíblicamente correto para se compreender não apenas o Apocalipse, mas também toda a Escritura.⁸

Em Apocalipse, João constrói esta narrativa através de numerosos símbolos para retratar a luta pela supremacia uni-



Certas palavras em Apocalipse 20:2 e 3, 8 – engana, serpente, o diabo e Satanás – aludem a Génesis 3. Em ambos os textos, Satanás é retratado como a “antiga serpente”.

versal entre Deus e Satanás.⁹ Apocalipse 12:7 declara: “E houve batalha no céu.” A linguagem de batalha domina todo o Apocalipse (11:7; 12:7 e 8, 17; 13:17; 16:14; 17:14; 19:11, 19). O livro aborda a questão da Teodiceia em relação “ao modo como Deus lida com a realidade do Mal no interior do contexto da narrativa bíblica mais ampla”.¹⁰ A Teodiceia aborda, essencialmente, o modo como um Deus bom pode permitir a existência de sofrimento no mundo. Uma das formas em que o conflito é trazido a lume em Apocalipse 19 é quando João contrasta “as bodas do Cordeiro”, em que o povo de Deus se regozija e festeja (vv. 7-9), com “a ceia do grande Deus”, em que os inimigos de Deus são vencidos com a espada que sai da Sua boca (vv. 15, 17 e 18).

Certas palavras em Apocalipse 20:2 e 3, 8 – *engana, serpente, o diabo e Satanás* – aludem a Génesis 3. Em ambos os textos, Satanás é retratado como a “antiga serpente”, e o seu atributo-chave de engano é mencionado em Apocalipse 20:3, 8 e em Génesis

3:13. O texto de Génesis diz: “E disse o Senhor Deus à mulher: Por que fizeste isto? E disse a mulher: a serpente me enganou, e eu comi.”

A serpente coloca em questão as palavras de Deus e, assim, a Sua autoridade e o Seu caráter. No relato de Génesis 3, a questão central envolvendo o caráter e a autoridade de Deus deve ser trazida como elemento importante para a interpretação de Apocalipse 20:3.

A importância da estrutura

Para se compreender melhor a questão de que estamos a tratar, temos de perceber a estrutura do Apocalipse. A paisagem estrutural do livro tem uma série de microquiasmos.¹¹ O professor John Breck declara que certos “princípios hermenêuticos ou intuições hermenêuticas podem ser derivados do estudo de quiasmos que servem diretamente a tarefa da exegese”.¹² Num estudo detalhado da visão sobre o Milênio, o teólogo Ed Christian demonstrou que Apocalipse 19:1-21:8 é uma unidade

em forma de quiasmo, que pode ser resumida do seguinte modo:

A – Anúncio pré-milenar da inauguração das bodas de casamento (19:1-10).

B – Aparição pré-milenar de Cristo no Céu para julgar e combater os ímpios (19:11-16).

C – Derrota pré-milenar dos que fazem guerra na Terra a Deus (19:17-21).

D – Prisão de Satanás no abismo por 1000 anos (20:1-3).

E – Reino milenar de Cristo e dos santos no Céu (20:4-6).

D' – Libertação de Satanás do abismo depois dos 1000 anos (20:7).

C' – Derrota pós-milenar dos que fazem guerra na Terra a Deus (20:8-10).

B' – Aparição pós-milenar de Deus no Céu para julgar os ímpios (20:11-15).

A' – Recriação pós-milenar da Terra e consumação do casamento (21:1-8).¹³

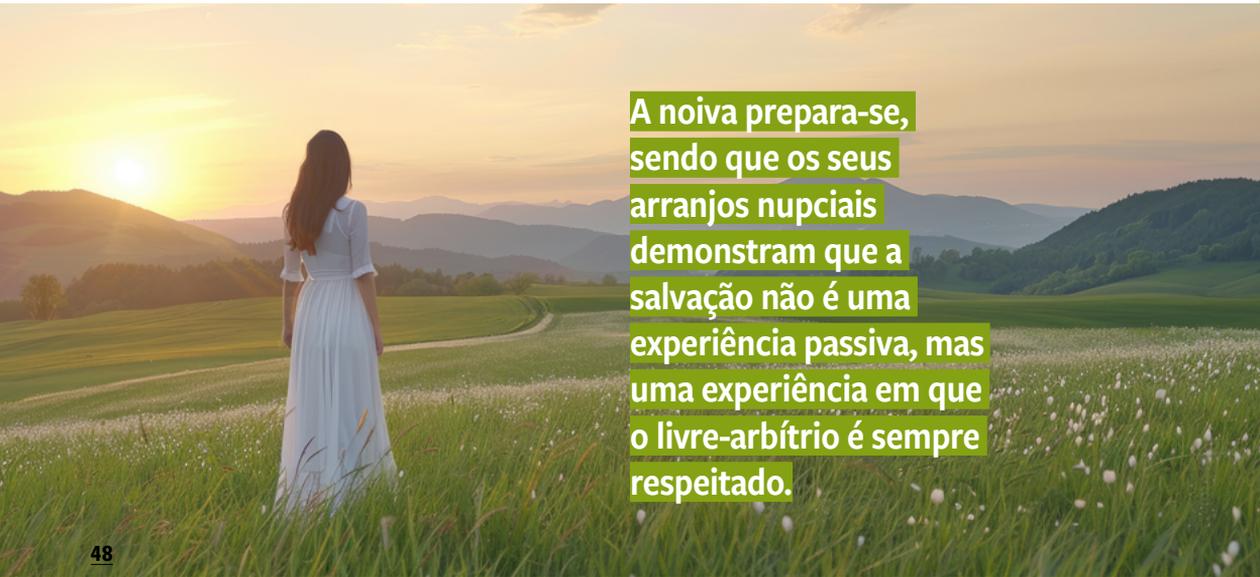
A estrutura sugere que há uma progressão cronológica de Apocalipse 19:1 em diante. Os acontecimentos que João vê em visão são, portanto, sequenciais e mantêm a narrativa em progressão em direção à consumação

de todas as coisas e à reunificação de Deus e do Seu povo (Apocalipse 21:3).

Contexto imediato

Apocalipse 19 também anuncia quatro aleluias que declaram a salvação (vv. 1-3), o Reino de Deus (v. 6) e o casamento do Cordeiro (v. 7). Esta passagem está imbuída de exultação que celebra a destruição do Mal. Finalmente, Babilônia caiu e a verdadeira noiva, a Nova Jerusalém, aguarda.¹⁴ A noiva prepara-se (v. 7), sendo que os seus arranjos nupciais demonstram que a salvação não é uma experiência passiva, mas uma experiência em que o livre-arbítrio é sempre respeitado.¹⁵ Ela adorna-se com linho fino resplandecente, os atos justos dos santos (v. 8).

Há uma tensão teológica entre “preparar-se” (v. 7) e receber a suas vestes (v. 8). As vestes referem-se à justificação (Isaías 6:10). A frase “foi-lhe dado” (Apocalipse 19:8, *ARC*) é um passivo divino que indica que a justificação é *apenas* obra de Deus.¹⁶ A frase no versículo aponta para uma vida transformada, a resposta adequada ao convite do noivo celeste.¹⁷



A noiva prepara-se, sendo que os seus arranjos nupciais demonstram que a salvação não é uma experiência passiva, mas uma experiência em que o livre-arbítrio é sempre respeitado.

O Rei dos reis, o próprio Cristo, é retratado montado num cavalo branco e liderando os Exércitos do Céu (vv. 11, 14, 16). O branco indica a pureza, a santidade e a vindicação (Apocalipse 3:4, 18; 6:11). O cavalo branco que Cristo monta, as miríades de cavalos brancos que são montados pelos anjos e as vestes brancas que eles vestem – tudo aponta para a justiça e para a santidade que movem Cristo a fazer a guerra.¹⁸ João vê então “a besta, e os reis da terra, e os seus exércitos reunidos, para fazerem guerra àquele que estava assentado sobre o cavalo, e ao seu exército” (Apocalipse 19:19). A besta e o falso profeta são capturados e “lançados vivos no ardente lago de fogo e enxofre” (v. 20). Em Apocalipse 20, Satanás é deixado só no palco da narrativa.

A libertação de Satanás: Uma sondagem mais profunda

Apocalipse 20:3 (ARA) diz: “Depois disto, é necessário que ele seja solto pouco tempo.” O contexto imediato dos versículos 1-3 expõe Satanás: o seu nome, o seu caráter, a sua identidade e o seu *modus operandi* são evidentes para todos os que ouvem a leitura do texto.¹⁹ A palavra “necessário” (*dei*, em grego), normalmente usada em grego com um infinitivo, comunica a ideia de necessidade.²⁰ Este “necessário” divino (usado em Apocalipse 1:1; 4:1; 11:15; 17:10; e 22:6) demonstra o controlo completo de Deus sobre todos os acontecimentos.²¹ O comentador Grant Osborne defende que a libertação de Satanás é “retratada como a liberdade condicional de um prisioneiro”.²² A palavra grega traduzida por “solto” ou “liberta-

A benevolência inalterada de Deus coloca Satanás em liberdade para demonstrar a inalterada maldade dele.

do” (*lythêsetai*) é um passivo divino: O próprio Deus soltará Satanás. O diabo não tem qualquer reivindicação a fazer junto de Deus. Deus deve permanecer fiel a Si mesmo e, permanecendo fiel a Si mesmo, Ele soltará Satanás.

No contexto do Conflito Cósmico, Satanás deve ser libertado porque “quando a voz da ‘antiga serpente’ é ouvida em Génesis, ela lança a acusação de que a privação da liberdade é a característica fundamental do governo divino (Gén. 3:1). [...] É a lógica da liberdade que leva à libertação de Satanás e é no interior da lógica da liberdade, precisamente o valor que ele dizia estar em falta no caráter divino, que Satanás trata de operar a sua destruição (20:7-9)”.²³

Mais ainda, Satanás deve ser libertado para demonstrar a natureza imutável do seu caráter. Em Apocalipse 12:9, ele é apresentado como sendo um enganador. Embora ele aja num contexto inteiramente diferente, as suas táticas e a sua natureza permanecem as mesmas.²⁴ A benevolência inalterada de Deus coloca Satanás em liberdade para demonstrar a inalterada maldade dele.

Deus podia ter destruído Satanás e os seus anjos maus durante o Milénio, dado que os justos já tinham visto os resultados do Mal. No entanto, os ímpios não viram. Satanás deve ser libertado depois do Milénio para que



O símbolo do Cordeiro revela o amor de Deus e expõe o ódio de Satanás contra tudo o que é bom e justo.

os ímpios, depois de passarem pela segunda ressurreição, possam ver em primeira mão a natureza inalterada do coração de Satanás e do coração deles mesmos. Robert Mounce, académico neotestamentário, diz que Satanás tem de ser libertado para tornar claro que nem os seus desígnios “nem a obstinação do coração humano terão sido alterados pelo mero passar do tempo”.²⁵ Os justos, que, durante o Milénio, obtiveram uma ampla revelação da malignidade de Satanás, também poderão ver o resultado final do carácter de Satanás, especialmente no seu ataque à cidade santa. Deus revelará mais uma vez o Seu carácter ao resgatar o Seu povo, e Satanás é finalmente lançado no lago de fogo (Apocalipse 20:8-10).²⁶

Perspetiva teológica

Se o centro da meta-narrativa do Conflito Cósmico é o Evangelho eterno, então esta mesma meta-narrativa convida à realização de uma reflexão teológica. O símbolo dominante em Apocalipse é o “Cordeiro” (Apocalipse 5:6, 8, 12 e 13; 13:8; 14:4, etc.), que

aponta para a morte sacrificial de Jesus Cristo, o núcleo do Evangelho eterno. Donald Guthrie, académico neotestamentário, declara que “o título ‘Cordeiro’ deve prover uma pista importante para se determinar o propósito e o significado de todo o livro”.²⁷

É nesta meta-narrativa do Conflito Cósmico que a justaposição da presença do Cordeiro e da libertação de Satanás pode ser mais explorada. O símbolo do Cordeiro revela o amor de Deus e expõe o ódio de Satanás contra tudo o que é bom e justo. De facto, é na Cruz que ocorre a salvação pelo sangue *deste* Cordeiro e que Satanás perde o seu lugar no Céu como representante da Terra (Apocalipse 12:7-10). Antes da Cruz, Satanás ainda tinha acesso limitado ao Céu, mas a Cruz põe fim ao seu acesso.²⁸

Ao refletirmos sobre Jesus, o Cordeiro, percebemos que, embora Satanás seja libertado depois do Milénio, ainda que por um tempo limitado, Jesus escolhe não se libertar do sofrimento e da humilhação da morte, embora Ele tivesse o poder para assim

fazer. Para Jesus, a liberdade dos Seus filhos era mais importante do que a Sua liberdade. A Sua liberdade estava prisioneira da vontade de Deus. Se, como já foi argumentado, a lógica da liberdade exigia a libertação de Satanás, que levou à sua destruição, então a lógica da liberdade exigia também que Jesus não Se libertasse da Cruz, o que levou à Sua vitória. O Seu amor por

nós foi maior do que a Sua necessidade de liberdade.

Em último caso, Satanás é colocado em liberdade, mas temporariamente, porque o governo divino opera com base em princípios de liberdade e de justiça, que são exemplificados na Cruz. Ao escutarmos o que o Espírito diz, o Apocalipse excede sempre as nossas expectativas.

1

A metodologia de Jon Paulien é útil na interpretação de Apocalipse. Ele defende que se deve examinar o contexto literário, os símbolos, os quismos e o pano de fundo do Antigo Testamento à luz da história de Cristo. Jon Paulien, *Decoding Revelation's Trumpets*, Andrews University Seminary Doctoral Dissertation Series, vol. 11 (Berrien Springs, MI: Andrews University Press, 1988), 156 e 157.

2

Austin Farrer, *The Revelation of St. John the Divine* (Oxford, UK: Clarendon, 1964), 202.

3

George B. Caird, *A Commentary on the Revelation of St. John the Divine*, Harper's New Testament Commentaries (New York, NY: Harper and Row, 1966), 249.

4

John Sweet, *Revelation* (London, UK: SCM, 1979), 290.

5

James Resseguie, *The Revelation of John: A Narrative Commentary* (Grand Rapids, MI: Baker Academic, 2009), 25.

6

Veja Gregory Boyd, *God at War: The Bible and Spiritual Conflict* (Downers Grove, IL: Intervarsity, 1997).

7

“Estas boas-novas... contam como Deus, para a redenção do mundo, entrou na História, o eterno penetrou no tempo, o Reino do Céu invadiu o reino da Terra, nos grandes acontecimentos da encarnação, da crucificação e da ressurreição de Jesus Cristo.” F. F. Bruce, *The New Testament Documents: Are They Reliable?* 5ed (Downers Grove, IL: Intervarsity, 1960), 2.

8

Kayle B. de Waal, *Ancient Words, Present Hope* (Melbourne: Signs, 2015), 89.

9

Warren Carter escreve: “O Apocalipse discerne o seu contexto mais abrangente numa luta cósmica entre Deus e Satanás.” Warren Carter, “Vulnerable Power: The Roman Empire Challenged by the Early Christians”, in *Handbook of Early Christianity: Social Science Approaches*, ed. Anthony J. Blasi, Jean Duhaime e Paul-André Turcotte (Walnut Creek, CA: Altamira Press, 2002), 484.

10

Sigve K. Tonstad, *Saving God's Reputation: The Theological Function of Pistis Iesou in the Cosmic Narratives of Revelation* (London, UK: T. & T. Clark, 2006), xv.

11

Richard Bauckham, *The Climax of Prophecy* (London: T. & T. Clark, 1993), 1-37.

12

John Breck, *The Shape of Biblical Language* (New York, NY: St. Vladimir's Press, 1994), 341.

13

Ed Christian, “A Chiasm of Seven Chiasms: The Structure of the Millennial Vision, Rev. 19:1-21:8”, *Andrews University Press Studies* 37 (1999): 221.

14

Jacques Doukhan, *Secrets of Revelation: The Apocalypse Through Hebrew Eyes* (Hagerstown, MD: Review and Herald, 2002), 170.

15

Doukhan, 171.

16

G. K. Beale, *The Book of Revelation*, New International Greek Testament Commentary (Grand Rapids, MI: Eerdmans, 1999), 935.

17

Robert Mounce, *The Book of Revelation*, New International Commentary on the New Testament (Grand Rapids, MI: Eerdmans, 1977), 340.

18

Beale, *Revelation*, 950.

19

Sigve K. Tonstad, *Revelation*, Paideia Commentaries on the New Testament (Grand Rapids, MI: Baker, 2019), 287.

20

Gerhard Kittel, ed., *Theological Dictionary of the New Testament*, trad. e ed. Geoffrey W. Bromey, vol. 2 (Grand Rapids, MI: Eerdmans, 1964), s.v. “dei”.

21

Richard K. Eckley, *Revelation* (Indianapolis, IN: Wesley, 2006), 208.

22

Grant Osborne, *Revelation*, Baker Exegetical Commentary on the New Testament (Grand Rapids, MI: Baker, 2002), 710.

23

Tonstad, *Saving God's Reputation*, 155.

24

Jan Boxall, *The Revelation of Saint John* (London: Continuum, 2006), 268.

25

Robert Mounce, *The Book of Revelation*, rev. ed., New International Commentary on the New Testament (Grand Rapids, MI: Eerdmans, 1998), 371.

26

Louis A. Brighton, *Revelation*, Concordia Commentary (Saint Louis, MO: Concordia, 1999), 577.

27

Donald Guthrie, “The Lamb in the Structure of the Book of Revelation”, *Vox Evangelica* 12 (1981): 64.

28

De Waal, *Ancient Words, Present Hope*, 90.



COLEÇÃO
Luminares de fé



AUTOR:
Roberto Badenas



NOVIDADE!

1º Volume da Coleção *Luminares de Fé*



10€

De todos os encontros, há um que é o mais importante: o encontro com Jesus! Ao longo da História, muitas pessoas encontraram-se com Ele, e isso foi o ponto de viragem na sua vida.

 PUBLICADORA SERVIR

COMPRA *ONLINE* WWW.PSERVIR.PT | LIGUE 21 962 62 00
E-MAIL CLIENTES@PSERVIR.PT |  +351 925 896 870